PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM PSICOLOGIA CLÍNICA
NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISA DA SUBJETIVIDADE

**Terapia Ocupacional e Filosofia da Diferença:
Pensando uma clínica dos agenciamentos**

Elizabeth Maria Freire de Araújo Lima

Relatório apresentado ao Programa de
Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica
como parte das atividades do Pós-doutorado
realizado na PUC-SP, sob supervisão da Prof.
Dr. Luiz B. L. Orlandi.

SÃO PAULO
2006

SUMÁRIO

a. APRESENTAÇÃO p. 03

II. PESQUISA:		
Atividades humanas, clínica e produção de subjetividade		p. 04
1. INTRODUÇÃO		p.04
2. A CLÍNICA COMO EMPREENHIMENTO DE SAÚDE		
2.1. Para uma retomada do conceito de clínica e sua desconstrução		p. 05
2.2. A clínica pensada em seu engajamento no contemporâneo		p. 09
2.3. Concepções de saúde e de vida que estão envolvidas		p. 13
3. ATIVIDADES HUMANAS: DESEJO E PRODUÇÃO		
3.1. Porque tomamos Félix Guattari como intercessor para pensar as atividades humanas?		p. 20
3.2. Da Psicoterapia Institucional à Análise Institucional		p. 28
3.2.1. Atividades como ferramentas para a produção de relações sociais, estimulando ações voltadas para o real		p. 28
3.2.2. As atividades no contexto da Psicoterapia Institucional		p. 33
3.2.3. Colocando as atividades em análise		p. 35
3.2.4. Transversalidade: as atividades, a equipe de saúde mental e os especialismos técnicos		p. 37
3.2.5. Atividades e a subjetividade		p. 39
3.3. Militância e Micropolítica: “Conspirar quer dizer respirar junto”		p. 41
3.3.1. Atividades e o Capitalismo Mundial Integrado (CMI)		p. 41
3.3.2. Atividades e desejo		p. 44
3.3.3. Atividades, signos e expressão		p. 45
3.3.4. Atividades e constituição de territórios existenciais		p. 47
3.4. Ecologia e Estética		p. 49
3.4.1. As atividades no contexto da clínica esquizoanalítica		p. 50
3.4.2. Atividades e Corpo		p. 56
3.4.3. Atividades e Agenciamentos Coletivos		p. 58
3.4.4. Atividades e ecologia		p. 61
3.4.5. As atividades e o paradigma estético		p. 63
4. CONCLUSÃO: Experimentar novas maneiras de viver e novas formas de luta		p. 67

5. DESDOBRAMENTOS	p. 74
6. BIBLIOGRAFIA	p. 76
III. SEMINÁRIO Agenciamento Coletivo de Clínica (Em colaboração com Luis Eduardo Aragon)	p. 78
1. INTRODUÇÃO	p.78
2. PROPOSTA	p.79
3. DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO	p.82
4. CONCLUSÃO	p.96
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	p.97
IV. ANEXOS 98	p.
Anexo 1: Flutuações em torno da Clínica enquanto Imagem de pensamento e de Experimentação. Luis Eduardo Aragon.	p. 98
Anexo 2: Desenhando linhas para o trabalho. Elizabeth Araújo Lima.	p. 103
Anexo 3: Programa. Bricolagem de texto de Félix Guattari. Elizabeth A. Lima	p. 104
Anexo 4: Simondon produtor de ressonâncias Luis Eduardo Aragon	p. 106
Anexo 5: Criança: Ensaio sobre a subjetivação. Luis Eduardo Aragon	p. 127
Anexo 6: Esquecimento. Maria Cecília Galetti.	p. 136
Anexo 7: Gestão Coletiva dos Sonhos - o sonho como produção perspectivante da vida. Abrahão de Oliveira Santos.	p. 139
Anexo 8: Olhar o Corpo: pensando uma clínica e uma estética Formativas Elizabeth Araújo Lima.	p. 141
Anexo 9: Ementa da Atividade Programada Agenciamento Coletivo de Clínica	p. 151
Anexo 10: Lázaro. Luis Eduardo Aragon.	p. 156
Anexo 11: Percorrendo Idiossincrasias do Pensamento do Luis no caminho de Simondon. Luis Eduardo Aragon.	p. 159
Anexo 12: Existências dissidentes: atividades / criação / arte e Terapia Ocupacional: Uma Questão que Retorna”. Elizabeth Araújo Lima.	p. 169
Anexo 13: O corpo de Jardelina da Silva. Cristiane Mesquita.	p. 187
Anexo 14: Carta à Cris-Jarda. Luis Eduardo Aragon.	p. 189
Anexo 15: Conceitos se fazendo nos encontros. Elizabeth Araújo Lima/Luis Eduardo Aragon	p. 201
Anexo 16: Samper - Cartografias Cidadianas.Lucimar Bello.	p. 226

I. APRESENTAÇÃO

Este relatório visa apresentar ao Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Clínica os resultados das atividades do Pós-doutorado realizadas, a saber, a pesquisa “Atividades humanas, clínica e produção de subjetividade” e o Seminário “Agenciamento Coletivo de Clínica”.

Estas atividades foram desenvolvidas no decorrer do ano de 2006 com o objetivo de simultaneamente produzir conhecimento em imersão num coletivo e experimentar uma forma de transmissão deste conhecimento produzido.

I. **PESQUISA:**
Atividades humanas, clínica e produção de subjetividade

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa “**Atividades humanas, clínica e produção de subjetividade**” foi proposta com o objetivo de contribuir para o aprimoramento teórico de um domínio de estudos, pesquisas e intervenções, de modo a levar a idéia de *atividade humana* ao grau de consistência que se faz necessário ao campo da Terapia Ocupacional, com o que será possível desenvolver novas grades teóricas sensíveis às exigências práticas que se impõem nesse campo. Para tanto foi empreendida uma pesquisa sobre a noção de clínica que pode sustentar uma terapia ocupacional atravessada pela filosofia da diferença e uma investigação do desenvolvimento conceitual da noção de atividade humana em sua articulação com a clínica e a produção de subjetividade, nos desenvolvimentos realizados por Félix Guattari, levando em conta, quando necessário, a ativação mútua dos escritos de Guattari, Deleuze e também Foucault, no delineamento conceitual das idéias que se impuseram ao nosso trabalho.

Nesta proposta buscaremos mapear as ressonâncias entre esses dois campos de saber; fortalecer conceitualmente os saberes relativos à atividade humana e produzir novas grades teóricas que nos possibilitem pensar as práticas atuais neste campo.

A fundamentação filosófica, mormente no Campo das Filosofias contemporâneas da diferença, tem em vista o ultrapassamento dos limites conceituais que ainda inibem o desenvolvimento teórico de práticas ligadas ao campo da Terapia Ocupacional, em particular no que diz respeito à clínica, atividade humana e produção de subjetividade.

2. A CLÍNICA COMO EMPREENDIMENTO DE SAÚDE

2.1. Para uma retomada do conceito de clínica e sua desconstrução

“Para Espinosa, a alegria e a tristeza são as formas originárias das quais nascerão todas as outras. A alegria é o que sentimos quando percebemos o aumento de nossa realidade, isto é, de nossa força interna e capacidade para agir, aumento de pensamento e de ação. A alegria é caminho de autonomia individual e política. A tristeza é o que sentimos ao perceber a diminuição de nossa realidade, de nossa capacidade para agir, o aumento de nossa impotência e a perda da autonomia. A tristeza é o caminho de servidão individual e política sendo suas formas mais costumeiras o ódio e o medo recíprocos.” (Chauí apud Liberman, 1998: 8). O aumento do poder de ser afetado apresenta-se de duas maneiras: aumento da potencia de agir (relativo a próprio natureza do individuo) quando preenchido por afecções ativas e aumento da potencia de padecer quando ocupado pelas paixões (afetado por coisas que vem do exterior).

Espinosa nos fala de uma vida que se vive não a partir da necessidade, mas da produção e assim nos fornece uma imagem de vida positiva e

afirmativa, vida que mesmo nas situações mais adversas pode se afirmar. Neste sentido saúde e doença começam a ser pensadas a partir de uma outra perspectiva.

A partir dessa concepção é possível perceber, nas palavras de Deleuze, em uma vida frugal, consumida pela doença, em um corpo delgado e fraco, olhos negros e brilhantes que nos dão a impressão de serem percorridos pela própria vida, de ter a força idêntica a da vida. Uma vida não mais vivenciada a partir da necessidade, mas a partir de uma produtividade e de uma potência. (Deleuze, 2002: 9)

Nossa intenção aqui é construir um modo de pensar a clínica da Terapia Ocupacional pautado na busca por produzir bons encontros, com pessoas, com materiais, com o mundo. Uma clínica que visa a ampliação da vida ativa dos usuários e o aumento de sua potência de agir e de ser afeta pelo mundo.

Para construir este caminho iniciaremos pensando o contexto em que uma clínica pautada pela alegria começa a ser pensada, que passa necessariamente pela desinstitucionalização ou desconstrução do conceito de clínica para que possamos retomar as linhas de força que nos interessam e potencializá-las reinventando a clínica. Estamos pensando a desconstrução como nos propõe Derrida: um processo de desmontagem que visa entender a lógica com a qual os saberes foram construídos, processo acompanhado sempre de uma exigência afirmativa, que não acontece jamais sem amor. (Amarante, 2003).

Partamos então da etimologia da palavra clínica: klinus – leito cama; klinikos – estar ao leito - estar ao leito / ao lado no dia-a-dia da evolução da

doença; Klinamen – inclinar-se; inclinado – inclinado, desviado; inclinar-se sobre as formas para produzir inclinação, desvio, mudança de rota e direção. (Barros & Passos 2004).

Para Canguilhem (2000), a clínica é uma necessidade vital que provoca comportamentos de auto-cura e auto-regeneração. As técnicas terapêuticas são atividades que têm raízes no esforço espontâneo do ser vivo para criar novas normatividades em relação às modificações do meio. O organismo sadio busca realizar sua natureza (e não seu estado atual), o que exige o enfrentamento de riscos e a capacidade de superar as crises para instaurar uma nova ordem. Assim a clínica é sempre acompanhada de perdas e do aparecimento de uma nova ordem, ela opera transformações.

Acompanhando esta idéia, Foucault (1998) nos diz que antes de ser um saber a clínica era uma relação universal da humanidade consigo mesma. A idéia de que o saber clínico se forma no leito do doente é antiga e está pautada na atenção ao doente e numa relação de sensibilidade com o sofrimento e com o que o alivia. O que se modificou foi a rede na qual esta experiência se dá, se articula em elementos analisáveis e encontra uma formulação discursiva. Houve, assim, uma variação de códigos perceptivos e do sistema de orientação do olhar clínico.

Para este autor os poderes do espaço visionário através do qual se comunicavam médicos e doentes foram, na modernidade, deslocados e encerrados na singularidade do doente e no aprisionamento da doença num corpo - mundo surdo das entranhas – que se funda como objeto para o olhar positivo, criando uma nova aliança entre palavras e coisas que fazem ver e

dizer de uma certa forma. Esta clínica moderna está, então, marcada por uma certa articulação entre o olhar e a linguagem pautada no postulado de que todo visível é enunciável e de que há uma identidade (sem resíduo) entre as duas operações.

Neste contexto, a experiência clínica passa a ser a abertura do indivíduo concreto à linguagem da racionalidade (olhar que vê é o olhar que domina), o que só pode encontrar apoio e controle numa organização específica do domínio hospitalar (domínio do isolamento, do neutro e do homogêneo): lugar de transformação do sofrimento em objeto de um olhar positivo articulado a uma linguagem racional que controla a experiência e a disciplina transformando-a em objeto do saber e do poder.

Neste contexto, também, a clínica passa a ser pautada pela idéia de normalidade. Foucault (1998) nos diz que até o séc. XVIII a medicina referia-se à saúde, mas a partir do séc. XIX passa a regular-se pela normalidade. Para Canguilhem (2000), a normalidade é um conceito normativo de identidade com o passado ou referido a um tipo ideal e a uma saúde perfeita que não existem, mas que desempenham o papel de desvalorizar a existência e indicar um caminho para a correção desta.

Assim, os sintomas tornam-se signo sob um olhar sensível à diferença e indicam a presença da doença. São sinais a serem decodificados por uma grade de entendimento construída a priori e por um olhar que isola traços, reagrupa-os, classifica-os, articulado a uma linguagem integralmente passível de tradução e apoiado por uma instituição que tem poder de decisão e intervenção. (Foucault, 1998)

No interior desta instituição cria-se uma hierarquia entre os “doutores” e os “oficiais da saúde” (marcada por diferenças de níveis na experiência e de conhecimento dos sujeitos e que tem correlato na divisão das camadas sociais: o oficial da saúde cuida do povo e possui um saber fazer no qual a experiência prática é integrada ao nível da percepção; já para os médicos a integração da experiência se dá em um olhar que é ao mesmo tempo saber, o que caracteriza a clínica.

Vemos assim que o nascimento da clínica moderna esta está associada a um método naturalista (observar, descrever, comparar, classificar); a doença é tomada como objeto natural e não se percebe que este objeto é produzido pelo própria mecanismo / dispositivo de seu isolamento e sua institucionalização.

2.2. A clínica pensada em seu engajamento no contemporâneo

Para Foucault (2000), toda investigação é uma intervenção no presente e não podemos conceber a clínica, senão no engajamento no contemporâneo. O que se passa no contemporâneo que nos impõe a invenção de uma clínica pautada em novos referenciais?

Para pensar a clínica no contemporâneo é importante lembrar que um novo conceito de saúde e de reabilitação passou a atravessar nosso campo a partir dos anos 80, quando a influência da antipsiquiatria, do movimento de desinstitucionalização e da luta pelos direitos das pessoas com deficiência levou-nos a pensar as ações dos terapeutas ocupacionais de forma

intrinsecamente relacionada à transformação concreta da vida de nossos usuários. (Castro, 2001).

Segundo Amarante, a reconstrução do conceito e da prática clínica tem sido um aspecto fundamental da Reforma Psiquiátrica brasileira. Para ele

é preciso reinventar a clínica como construção de possibilidades, como construção de subjetividades, como possibilidade de ocupar-se de sujeitos com sofrimento e de efetivamente responsabilizar-se para com o sofrimento humano com paradigmas centrados no cuidado e na cidadania / direitos. (Amarante, 2003: 59).

Há então um trabalho a ser feito sobre o conceito de clínica que o abra para novas maneiras de pensar e dizer, que seja indissociável, como propõe Deleuze, dos perceptos (novas maneiras de ver, ouvir e perceber) e dos afectos (novas maneiras de sentir).

A re-invenção da clínica implica necessariamente na desvinculação entre clínica e hospital e na criação de novas instituições e novos dispositivos que trabalhem na lógica da heterogeneidade, da implicação e da circulação social. Espaços nos quais o sofrimento seja tomado em sua qualidade de experiência singular. Espaços de encontro.

Seguindo com Foucault, podemos pensar que a invenção de uma nova clínica - ou o redimensionamento da clínica - está intimamente relacionada a uma redistribuição e reorganização do visível e do dizível. Trata-se de uma invenção de novos modos de olhar que comportem um olhar também háptico, cego, sensível às diferenciações e às inscrições de sensações no corpo daqueles que participam desta nova clínica. Trata-se também da invenção de

uma nova linguagem para dizer daquilo que se experimenta; invenção marcada por um trabalho de decifração de signos produzidos pelas sensações que atravessam o corpo do terapeuta no encontro com o paciente. É todo um campo das sensações a que somos convocados na clínica. O paciente aqui, não é objeto de um saber, mas sujeito em construção, componente de um processo de individuação complexo que se dá no entre, no interstício dos encontros.

Na mesma linha, já não se trata de eliminar o sintoma, mas de buscar aquilo que nele há de produtivo e cujo produto foi inicialmente este sintoma que justamente quer parar o processo de produção, para conectar-se à força criativa do sintoma para produzir outras coisas, como fez Bispo do Rosário. (Lima, 2003).

Há aqui vários deslocamentos. Nos deslocamos da idéia de observação clínica pautada por uma linguagem que reconhece o que vê por um exercício de decodificação a partir de uma significação construída a priori e encontra assim a terapêutica adequada ao estado mórbido em questão para a idéia de experimentação – campo no qual as questões se impõem em sua autonomia fazendo com que abandonemos o campo do já sabido e já conhecido e passemos a inventar novos dispositivos e estratégias para dar conta daquilo que se nos apresenta em sua novidade e em seu devir.

Nos deslocamos também da lógica do controle e da disciplinarização da diferença e do entendimento da clínica como busca da cura ou de uma normalidade ideal, para pensar a clínica como campo de invenção de dispositivos, de estratégias de enfrentamento e de agenciamentos coletivos.

Há ainda um importante deslocamento que se refere a concepção de sujeito implicado na clínica; de uma clínica centrada na personalidade para outra fundada numa concepção de subjetividade fundada numa singularidade eminentemente impessoal, isto é, uma singularidade que implica a ruptura dos limites do Eu, o rompimento com os territórios restritos da individualidade e a inserção do sujeito em outras territorialidades e em processos de criação voltados para a construção de novas línguas, novos territórios, novos sentidos. (Deleuze, 1997).

Ao atravessarmos a clínica pela perspectiva da criação estamos falando de um plano de composição da clínica e portando de sua dimensão **estética**, que comporta também a invenção de formas e estilos de vida. Mas estamos falando também de uma atitude **ética** ao nos propormos a experimentar aquilo que nos convoca à experiência do limite, num compromisso com a vida, e ao passarmos a avaliar aquilo que fazemos em função dos modos de existência que estão implicados.

Por fim, há também uma dimensão **política** da clínica que comporta o plano daquilo que produz a clínica e seus sujeitos, incluindo o poder que se exerce sobre a vida. Mas também o plano da potência da vida e das formas de resistência a esse poder que se exerce sobre a vida.

A clínica pensada no atravessamento com a filosofia da diferença é um plano de composição, de invenção de formas que compreende um exercício constante de avaliação daquilo que está sendo produzido em termos de vida e de saúde, e que é também um modo de intervenção no plano micropolítico da realidade – plano das forças geradoras da realidade.

Esta clínica é um empreendimento de saúde (Deleuze, 1997). Mas então de que saúde se trata aqui?

2.3. Concepções de saúde e de vida que estão envolvidas

Para se pensar de que clínica estamos falando é necessário que possamos precisar com que concepção de saúde e de vida estamos trabalhando

Winnicott (1975) nos ensina que a ausência de doença pode ser saúde numa certa concepção de saúde, no entanto não é vida. Saúde como ausência de doença é uma idéia pobre de saúde. A vida não está do lado desta saúde como ausência de doença. A saúde tem relação com o viver, com a obtenção de um *psique-soma* que viva e trabalhe de forma integrada, com o entrelaçamento entre o mundo psíquico e a corporeidade, entendida como lugar do acontecer de si, campo de redes de sentido. Esta saúde está relacionada com a possibilidade de experimentar a criatividade e com a capacidade de ter experiências culturais.

A saúde não pode ser pensada em separado das experiências corporais e do uso prazeroso do corpo e de suas funções; nem pode ser pensada em separado das trocas sociais, o acesso e a circulação pelo mundo da cultura - algo que pertence ao fundo comum da humanidade, para o qual todos podem contribuir e do qual todos deveriam ter o direito de usufruir.

Assim, nós, como terapeutas ocupacionais, temos que nos perguntar sobre "*o que versa a vida*" (Winnicott, 1975; p.137). Quando, como e em que situações, sentimos que a vida é real e digna de ser vivida? Quando

estaríamos diante de movimentos de vida e quando diante de movimentos de mortificação?

Seguindo esta perspectiva, podemos pensar que vida implica processualidade, movimento, criação. O ser vivo está em constante transformação. Muitas coisas podem acontecer a quem está vivo, muitas intempéries e percalços, e muitas coisas boas também. Para continuar vivendo, temos que, de alguma forma, incorporar esses acontecimentos, mas isso implica a criação de novas organizações, de novos corpos, de formas de vida sempre provisórias.

Para Canguilhem (2000), saúde é atividade normativa, é a possibilidade de ultrapassar a norma (que define o normal momentâneo) e instituir novas normas de vida em situações novas. Saúde é uma maneira de abordar a existência com a sensação de ser criador de valor e instaurador de normas vitais. Corresponde, enfim, a uma margem de tolerância para com o meio e suas infidelidades: estar em boa saúde é poder cair doente e se recuperar.

Para este autor a doença tem um sentido de sofrimento e é um estado contra o qual se luta para continuar a viver; mas é também o aparecimento de uma nova ordem vital. Canguilhem vê a doença como um acontecimento: evento original que traz descontinuidade real na história do ser vivo e que diz respeito ao organismo vivo na sua totalidade, provocando modificações profundas e constituindo um novo modo de vida para o organismo. Ser doente é viver uma vida diferente. Só se sabe que se está diante de um fato patológico devido a uma informação clínica – a clínica coloca o médico em contato com indivíduos concretos e complexos

Esta perspectiva do autor é uma perspectiva vitalista - tem a vida como critério - e relativista - os estados patológicos são denominados assim porque são experimentados pelo indivíduo como um estado contrário à vida. O autor reconhece as categorias de saúde e doença somente no plano da experiência. Para ele, o limite entre normal e patológico é impreciso e parte da avaliação do próprio indivíduo que sofre ao se sentir incapaz de realizar as tarefas que se lhe impõe.

Assim, são aqueles que sofrem que podem julgar se estão doente ou se já não estão. E nesta perspectivada muitas vezes retomar um estado saudável significa retomar uma atividade interrompida ou outra equivalente; sair de um abismo de impotência e sofrimento. Lembrando que o estado de doença é um estado de novidade fisiológica e que a vida não conhece reversibilidade. As reparações são sempre inovações; a nova saúde não é a mesma que a antiga.

Como nos ensina Nietzsche (apud Vieira, 2000: 15). , a busca é por *“uma saúde tal, que não somente se tem, mas que constantemente se conquista ainda, e se tem de conquistar, porque se abre mão dela outra vez, e se tem de abrir mão!”*

Em consonância com essa idéia, Dejours (1986) nos diz que a saúde é uma coisa que se ganha, que se enfrenta e de que se depende. O autor nos propõe pensarmos a saúde não como um estado, mas como um processo. Opondo-se à visão corrente da saúde como um estado de bem estar físico, mental e social, como objetivo a ser atingido, e uma vez atingido, mantido, este autor nos alerta que o organismo vivo nunca se encontra num estado estável,

mas, ao contrário está o tempo todo em mudança. A parada de processo, esta sim, implicaria um estado clínico.

Criar condições favoráveis para a saúde é assegurar a liberdade de movimentos, a possibilidade da variação, o desejo. Quando já não há mais desejo, ficamos diante de quadros de depressão e tristeza, e de situações nas quais o corpo pode adoecer mais facilmente.

A saúde para cada um é ter meios de traçar um caminho pessoal e original, em direção ao bem-estar físico, psíquico e social, isto é, ter meios para regular as variações que aparecem no estado do organismo e na vida em seus constantes encontros, a liberdade que é deixada ao desejo de cada um na organização de sua vida.

Mas esta idéia de saúde não é hegemônica hoje. No contemporâneo, os avanços tecnológicos e científicos resultaram num conjunto de técnicas que possibilitam novas formas de tratamento e mesmo a ampliação do tempo de vida. Mas acompanham esse desenvolvimento práticas em saúde voltadas para a superação de sintomas, marcadas pelo desejo de superação da morte e do sofrimento humano. E que obscurecem as questões fundamentais da condição na qual o sofrimento tem seu lugar na constituição de um percurso pessoal e na realização do sentido de si mesmo. (Safra, 2002).

O contemporâneo nos põe diante de duas visões de saúde: uma que a entende como produto de uma tecnologia, e outra que a compreende como acolhimento da mutação, das vicissitudes, do precário, do inacabado que constituem nossa existência. Estas duas concepções de saúde dizem respeito

a duas formas de ver a vida que convivem no contemporâneo. A vida a ser manipulada e controlada por diferentes tecnologias não parece ser a mesma vida que resiste e escapa a essa tentativa constante de controle.

Para pensar este paradoxo Giorgio Agambem (apud Pelbart, 2003) retoma a distinção grega entre *zoé* – que designaria a vida biológica ou do organismo, comum a todos os seres vivos - e *bios* - a vida plena de eventos e que constitui uma maneira de viver peculiar. Agambem denomina o primeiro tipo de vida de *vida nua*, afirmando que o regime contemporâneo exerce um poder sobre a vida que, travestido de defesa da vida, a reduz à sua modalidade biológica. Este é o poder que se exerce sobre a vida tomando-a como fato puramente natural, como quando a ciência opera manipulações genéticas. E é preciso estar atento: práticas ditas de promoção da saúde podem estar operando apenas no registro da vida como *zoé*.

Hannah Arendt (2003), em seu livro *A condição humana*, utiliza-se desta distinção entre *zoé* e *bios* para desenvolver a idéia de que a forma de existência predominante no contemporâneo, tomando *zoé* como parâmetro e valor, praticamente reduziu todas as atividades que realizamos, em especial a capacidade de produzir obras e realizar ações, ao denominador comum de um labor voltado a assegurar as coisas necessárias à vida do nosso corpo biológico, produzi-las e consumi-las. Esta vida que o labor visa manter se refere ao processo biológico do corpo humano.

O homem reduzido ao labor e à manutenção de uma *vida nua* está aprisionado, a uma atividade que se desenvolve de forma cíclica e repetitiva, cujo único objetivo é a produção cada vez maior de coisas pouco duráveis a

serem consumidas, e que não termina senão com a exaustão da força de trabalho. Quando tudo que fazemos se resume a este mecanismo de produção incessante de bens perecíveis e consumo incessante desses mesmos bens, deixamos de construir um mundo comum e de estar entre os homens como seres políticos e ficamos reduzidos às nossas necessidades privadas.

Talvez, neste ponto, devêssemos recordar Foucault (2002), para quem ali onde incide o poder, ali também se exerce a resistência. Apesar da poderosa máquina de produção subjetiva que constrói e captura nossos desejos, há sempre algo que escapa e pulsa nas bordas desse modo de vida, desenhando, impertinentemente, pequenas saídas, outros possíveis.

A saúde no mundo contemporâneo talvez esteja aí: nos processos microscópicos e movimentos intensivos que escapam a este estado de coisa e constituem milhares de linhas de diferenciação que se insinuam cotidianamente por entre as malhas rígidas do capitalismo mundial integrado.

E se o poder contemporâneo investe sobre a vida, reduzindo-a a sua modalidade orgânica e biológica - como quer Agambem -, e limita todas as atividades humanas ao labor - como sugere Arendt -, as forças que resistem a este poder se apóiam sobre aquilo mesmo que ele investe, a vida, e buscam expressão na realização de atividades que escapem à lógica do labor.

Ao poder sobre a vida se opõe a potência da vida, sua saúde, aquilo que nela não se deixa aprisionar, sua qualidade de indeterminação, sua capacidade de reinventar-se, tomar novas forma e fazer-se vida qualificada. Esta vida como *bios*, a qual Aristóteles se referia dizendo que é de certa forma uma espécie de *práxis*, só pode ser afirmada se restituirmos às atividades humanas suas

qualidades de construir um mundo comum e tecer a rede das relações humanas.

Se entendermos a Terapia Ocupacional como uma prática social e de saúde que se valerá das atividades humanas como instrumento de intervenção visando a promoção da saúde e das trocas sociais; uma prática de luta e resistência contra o isolamento e o desenraizamento característicos do mundo contemporâneo; uma prática que investe na ampliação do horizonte da vida ativa de seus usuários, de sua capacidade de criar e agir, de seu espaço de liberdade e de suas relações com o mundo e com os outros; enfim, se entendermos a Terapia Ocupacional desta forma, a concepção de saúde que pode acompanhar esta prática não diz respeito somente à manutenção da vida biológica, mas possui íntima relação com a qualidade de vida e com a discussão ética dos modos de vida e está associada ao desenvolvimento de atividades humanas associadas à invenção de novas normatividades para a vida.

3. ATIVIDADES HUMANAS: DESEJO E PRODUÇÃO

3.1. Porque tomamos Félix Guattari como intercessor para pensar as atividades humanas?

Nos dedicaremos então, a discutir de forma mais aprofundada, uma noção de atividade humana que possa estar associada à idéia de clínica, de saúde e de vida com a qual vimos trabalhando.

As atividades humanas são o instrumento privilegiado das ações dos terapeutas ocupacionais e constituem o elemento centralizador e orientador na construção complexa e contextualizada do processo terapêutico neste campo. Diferentes formas de conceber e de atuar com as atividades convivem nas mais diversas práticas em terapia ocupacional, indicando a necessidade de uma produção teórica que possa acompanhar essas práticas e dar-lhes subsídios e consistência. A noção “atividade humana” se constitui em “termo primitivo”, no campo da Terapia Ocupacional, isto é, está implicado e é reiterado em variadas pesquisas empíricas, ajuda a construir outras proposições, mas não é ele mesmo definido, ou é definido de múltiplas formas e em constante variação, não alcançando uma posição conceitual hegemônica no campo. Assim as atividades humanas são, também, um campo fecundo de pesquisa e reflexão.

Visando contribuir para a aquisição de uma maior consistência do termo *atividade humana* no campo da Terapia Ocupacional, empreendemos uma investigação do desenvolvimento conceitual da noção de atividade humana em sua articulação com a clínica, a saúde e a produção de subjetividade, nos

desenvolvimentos realizados por Félix Guattari, levando em conta, quando necessário - como já foi dito - a ativação mútua dos escritos de Guattari, Deleuze e também Foucault, no delineamento conceitual das idéias que se impuseram ao nosso trabalho.

Em 1962, num texto intitulado “Introdução à psicoterapia institucional”, e publicado em *Psicanálise e transversalidade*, Félix Guattari encontra, nas origens da psicoterapia institucional, entre outras influências, o tratamento ativo¹ de Herman Simon:

Pode-se situar a origem da corrente de pensamento que desembocou nas formulações atuais da psicoterapia institucional no período que precedeu a Libertação na França. Seria sem dúvida possível remontar ainda mais longe, ao pós-guerra de 1914, com o desenvolvimento em diferentes hospitais psiquiátricos de Vestfália, da “terapêutica ativa” de Herman Simon. (Guattari, 2004: 59).

Psiquiatra, psicanalista, filósofo, Félix Guattari trabalhou desde 1955 na Clínica de La Borde, na qual, a partir da experiência acumulada no Hospital Psiquiátrico de Saint-Alban pelas equipes que se constituíram em torno a François Tosquelles, floresceu e se desenvolveu a psicoterapia institucional. De fato, em Saint-Alban a experiência de transformação do hospital foi acompanhada de transformações materiais, da aplicação de técnicas psicanalíticas e da aplicação das teorias de Herman Simon acerca da ergoterapia, da organização da vida social, da fundação do primeiro clube terapêutico, entre outras iniciativas. (Guattari, 2004)

¹ A tradução para o termo é controversa. Nise da Silveira (s/d) traduz o método de Simon por “tratamento mais ativo”. Luis Cerqueira e Ulisses Pernambucano usam o termo “tratamento ativo” (De Carlo & Bartalotti, 2001), e como esta é tradução que se tornou mais comum em português, ficaremos com ela.

Nos anos sessenta Félix Guattari viria a forjar o conceito de *análise institucional*, partindo da psicoterapia institucional e colocando-se na perspectiva de uma ampliação das práticas institucionais no sentido de uma re-criação interna permanente. Assim, o pensamento deste autor, e posteriormente as contribuições produzidas com Gilles Deleuze, foram amplamente marcados por esta experiência institucional, na qual estava presente uma articulação entre atividade humana e clínica.

Mas a proposta terapêutica de Herman Simon não está somente na origem da psicoterapia institucional. É também um dos germens de um campo de conhecimentos e práticas que viria a se constituir na primeira metade do século XX, o campo da Terapia Ocupacional. No livro *Terapêutica Ocupacional Psiquiátrica*, Elso Arruda aborda a evolução histórica da ocupação como forma de tratamento e aponta que

A ocupação no século atual recebeu grande impulso com a aplicação racional do trabalho ao tratamento dos doentes mentais. Para esse progresso contribuiu Herman Simon cujos ensinamentos foram expostos em 1929 no seu trabalho sobre o tratamento ativo.(...) A partir de Simon, o tratamento ocupacional assumiu, dentro da terapêutica psiquiátrica o papel que lhe competia. (Arruda, 1962)

Já Nise da Silveira (s/d), na introdução de seu livro, *Terapêutica Ocupacional: teoria e prática*, apresenta uma pesquisa dos fundamentos teóricos da terapêutica ocupacional na qual Herman Simon figura como o primeiro autor a construir uma concepção teórica sobre o tratamento ocupacional.

Simon elabora sua teoria incorporando os conceitos psiquiátricos de Bleuler à sua concepção filosófica da vida que se fundamenta na idéia

de Logos, (...) no sentido de ação regida por uma sabedoria, uma lógica suprema. O nervo da concepção de Simon é que a vida é atividade incessante.

No entanto, o tratamento ativo, assim como todo o conjunto das propostas ergoterápicas, tem um vínculo inegável com a instituição psiquiátrica em sua forma disciplinar e de exclusão. Como poderia um corpo teórico prático tão intimamente associado à manutenção da estrutura institucional, estar na origem de práticas que colocam a própria instituição em questão, em particular a análise institucional?

Em estudo denominado *Dall'ergoterapia all'inserimento lavorativo*, Michael Köhlert (1986) investiga o processo de passagem, no Hospital Psiquiátrico Provincial de Trieste, das práticas ergoterápicas de coloração simoniana às ações de inserção no trabalho através da “Coperativa Lavoratori Uniti”. Sua conclusão é a de que as práticas associadas às cooperativas de trabalho desenvolvidas na perspectiva da desinstitucionalização invertem a lógica ergoterápica, mesmo que não se possa deixar de considerar que a ergoterapia fora o ponto de partida dessas práticas. E esta inversão de lógica, na experiência italiana, foi forjada, sobretudo, a partir de uma reavaliação dos aspectos terapêuticos e econômicos da atividade ligada ao trabalho: o acento passava a ser colocado sobre o aspecto econômico, sendo que a “terapeuticidade” do trabalho passava a ser aceita como efeito secundário.

Para Köhlert, o trabalho ou a atividade em sua vertente ergoterápica está indissolúvelmente conectado com a existência de uma instituição total. Somente com a superação desta instituição é que pode ter lugar práticas como

a terapia ocupacional, as cooperativas de trabalho ou os ateliês e laboratório de atividades. Nas palavras do autor:

In questo senso l'ergoterapia e la deistituzionalizzazione sono due concetti connessi. Smantellando l'istituzione totale, il manicômio, non si poteva mantenere l'ergoterapia. Quest'ultima era una teoria puramente istituzionale; senza l'ospedale psichiatrico se potevano fare tante altre cose: terapie di diverso tipo (occupazionale, fisioterapia, ludoterapia, ecc.). (...) Tutte queste attività hanno però un taglio e delle caratteristiche notevolmente diversa dall'ergoterapia classica di impronta simoniana. (Köhlert, 1986: 159).

Esta distinção parece interessante de ser adotada: se a ergoterapia está indissoluvelmente associada ao manicômio e sua lógica, a Terapia Ocupacional só pode surgir a partir da desmontagem daquela instituição ou associada a uma outra lógica que, de alguma forma, faça a crítica da instituição, seja na perspectiva da desinstitucionalização, seja naquela da análise institucional.

Não podemos nos esquecer que esta passagem de uma ergoterapia para uma Terapia Ocupacional foi também acompanhada da transformação da visão em relação às atividades: de instrumento clínico privilegiado da psiquiatria, estas passaram a uma posição desvalorizada e marginal ². É o que fica claro no relato de Nise da Silveira a respeito de sua escolha em trabalhar no campo da Terapia Ocupacional:

Desde 1946, quando retomei o trabalho no Centro Psiquiátrico de Engenho de Dentro, não aceitei os tratamentos vigentes na terapêutica psiquiátrica. Segui outro caminho, o da terapêutica ocupacional, considerado na época (e ainda o é hoje) um método subalterno,

² A este respeito ver Lima (2003).

destinado apenas a "distrain" ou contribuir para a economia hospitalar.
(Silveira, 1992: 16).

Nesta passagem para uma outra lógica que pensa as atividades na clínica, os produtos das atividades realizadas, saem do lugar de resíduo da atividade realizada ou de ganho para a economia hospitalar e ganham uma dimensão de produção de valor e de promoção de circulação e vínculos sociais.

Com esta pesquisa quisemos investigar o sentido que a atividade humana ganha em sua articulação com a clínica e a produção de subjetividade, nos desenvolvimentos realizados por Félix Guattari. Nossa intenção foi acompanhar o desenvolvimento de uma concepção de atividade humana nos escritos deste autor: que novas perspectivas a análise institucional pode trazer para esta noção e como ela vai sendo articulada tanto ao conceito de produção de subjetividade - que é desenvolvido concomitantemente, em sua relação com a produção material concreta -, quanto a uma idéia de clínica que, se inicialmente é também marcada pela psicanálise, vai aos poucos se distinguindo dela para forjar uma clínica na qual o ato é um elemento constitutivo, não menos importante que as palavras e a linguagem verbal. Como, a partir do pensamento deste autor, podemos pensar os produtos materiais e imateriais da realização de atividades?

Considerando que todo conceito é uma multiplicidade de contorno irregular, definida pelos componentes que abarca e com os quais se agencia (Deleuze & Guattari, 1992), no percurso de nossa investigação teórica buscamos acompanhar os universos que "atividade humana" vai

circunscrevendo e que a explicam, os outros conceitos com os quais se articula no contexto da psicoterapia institucional e, posteriormente, da análise institucional e na perspectiva do paradigma estético tal como proposto por Félix Guattari.

Escolhemos o psicanalista e filósofo Félix Guattari, segundo Eric Alliez um autêntico filósofo da práxis, como intercessor para realizar esse trabalho porque há no pensamento deste autor a marca de uma experiência institucional no campo da saúde mental na qual as atividades têm um papel relevante. Esta experiência desembocou na proposição de um paradigma ético-estético o que nos faz pensar que o desenvolvimento do pensamento deste autor tenha muito a contribuir para a pesquisa em Terapia Ocupacional, no que diz respeito à abordagem de problemas conceituais em torno da questão das atividades humanas e sua potência clínica.

Soma-se a isso o fato de a posição singular da Psicoterapia Institucional, da qual parte Guattari, possuir muitos pontos de ressonância com a posição também singular da Terapia Ocupacional. Nos diz o autor que esta singularidade

reside no fato de seu ponto de partida, a assistência a indivíduos rejeitados pela sociedade, ou, mais exatamente, indivíduos cuja história e cujos acidentes de desenvolvimentos tiveram tal natureza que eles não puderam encontrar seu lugar na sociedade, (esta posição singular) leva-a a questionar o conjunto das instituições humanas, suas finalidades proclamadas, suas definições de diversos tipos de indivíduos, dos papéis, das funções sociais, das normas, etc.

Para Deleuze (1992) fabricar os intercessores é fundamental para que se possa pensar e para que se possa produzir textos, idéias, conceitos. Cria-se assim um tipo de espaço que implica a constituição de pequenos pedaços vizinhos cuja ligação pode ser feita de infinitas maneiras, um tipo de espaço que procede por vizinhança. A questão, para este autor, é “*o que se passa entre*” dois campos ou dois autores ou dois criadores: os ecos e as ressonâncias que se pode dar entre ele. Nesta perspectiva, o pensamento de Félix Guattari e o campo da Terapia Ocupacional podem entrar em relações de ressonância mútua e em relações de troca, por razões intrínsecas a cada um dos campos, que segue seu movimento próprio, como “*linhas melódicas estrangeiras umas às outras que não cessam de interferir entre si*”. (Ibid.: 156)

Os textos pesquisados foram os livros exclusivamente de Félix Guattari publicados no Brasil, o *Guattari readers*, além de textos acessados pelo site da Revista Chimère. Esses textos foram organizados em três períodos temporais que abarcam também problemáticas particulares que direcionam a produção teórica do filósofo. No primeiro, incluindo textos escritos nas décadas de 50 e 60, detectamos uma preocupação que atravessa a maior parte da produção que é a questão da clínica da psicose, do trabalho institucional. Nesses textos observamos o desenvolvimento de um pensamento clínico que, partindo da psicanálise, caminha em direção a um afastamento progressivo desta em direção a uma análise institucional e à proposição de pós-freudismo radical na concepção de trabalho analítico como verdadeira heterogênesse.

O segundo período que compreende o final da década de 60 e a década de 70 vemos o pensamento militante de Guattari ganhar força e predominância,

com um exercício de proposição de um pós-marxismo no qual desejo e produção se articulam na proposição de uma reinvenção do social através de revoluções moleculares, retomando a questão do sujeito do ponto de vista de uma prática de resistência. Este momento da produção teórica está marcado pelos acontecimentos de maio de 68 e pelo encontro com filósofo Gilles Deleuze.

Por fim, o último período, compreendendo a década de 80 e início dos anos 90, acompanhamos a última etapa do pensamento do filósofo no qual o desenvolvimento da esquizoanálise está em íntima conexão com um pensamento ecológico, marcado por uma ecologia que compreende o ambiente natural, as relações sociais e as subjetividades no interior de uma paradigma estético. Neste ponto de seu pensamento, além da psicanálise e do marxismo, entram em conexão idéias das ciências puras: físico-química, a termodinâmica e os estados longe do equilíbrio, biologia e as máquinas autopoéticas, física e a teoria do caos.

3.2. Da Psicoterapia Institucional à Análise Institucional

Os artigos de Félix Guattari reunidos no livro em *Psicanálise e Transversalidade: ensaios de análise institucional* - publicado pela primeira vez em 1974 e editado no Brasil somente em 2004 -, foram escritos entre 1955 e 1970 e abrangem uma produção que se dedica a pensar a psicoterapia institucional no contexto da análise institucional, os problemas relativos aos grupos humanos e a experiência clínica e institucional com a psicose

desenvolvida em La Borde. Aí acompanhamos o deslocamento do pensamento do autor de seu engajamento em uma psicanálise marcada pelo pensamento de Jacques Lacan e no movimento da psicoterapia institucional para o desenvolvimento das idéias de análise institucional e de esquizoanálise. A última será mais claramente proposta nos textos escritos a partir da década de 70.

Guattari estava escrevendo no período em que o movimento francês da reforma institucional psiquiátrica em sua vertente mais política e revolucionária encontrou no pensamento inaugural de Lacan um de seus fundamentos. Mas se a psicanálise lacaniana fora uma das principais alavancas deste movimento em sua origem, no final dos anos 60 ele se tornara um obstáculo para que a clínica pudesse ultrapassar o espaço restrito da relação analista-analisando e se inscrevesse no campo social. (Birman, 2000)

No prefácio a *Psicanálise e Transversalidade*, intitulado “Três problemas de grupo”, Gilles Deleuze nos diz que estes textos expressam a problemática da convivência, na mesma pessoa do militante político e do psicanalista, que não param de se misturar, evento, segundo o filósofo, bastante raro desde Reich.

Esta mistura e atravessamento mútuo entre militante e psicanalista apontada por Deleuze está explicitado no belíssimo texto presente na coletânea intitulada “O grupo e a pessoa (balanço desconexo)”, de 1996, no qual Guattari, convidado a falar sobre um tema social, que abarcasse a responsabilidade dos indivíduos, dos militantes e dos grupos com o coletivo, o faz, acompanhando-se a si mesmo, sua hesitação, angústia, atravessando sua

fala todo o tempo pela explicitação de suas inibições, dificuldades de se expor e pensando a repercussão de sua própria fala num registro inconsciente.

Nesta convivência do psicanalista e do militante, Deleuze destaca três ordens de problema que atravessam os textos reunidos na publicação:

- 1. Como introduzir a política na prática e na teoria psicanalítica (uma vez dito que, de qualquer maneira, a política está no próprio inconsciente)?*
 - 2. De que modo é possível, e se for, introduzir a psicanálise nos grupos militantes revolucionários?*
 - 3. Como conceber e formar grupos terapêuticos específicos cuja influência se faria sentir sobre os grupos políticos, bom como sobre as estruturas psiquiátricas e psicanalíticas?*
- (Deleuze, 2204: 7).

No contexto dessa problemática, como aparecem as atividades humanas? É a isso que nos dedicaremos a seguir.

3.2.1. Atividades como ferramentas para a produção de relações sociais, estimulando ações voltadas para o real

No primeiro artigo presente do livro, “Sobre as relações entre os enfermeiros e os médicos”, no qual acompanhamos uma discussão travada em la Borda entre Jean Oury e Félix Guattari, encontramos a explicitação das questões fundamentais a partir das quais as atividades humanas devem ser pensadas no contexto da clínica. Aí vemos Jean Oury fazer a crítica da psiquiatria tradicional e em seu interior a crítica a uma ocupação destituída de sentido:

Um livro de psiquiatria não passa disso: quais as características das borboletas, qual sua classificação... para conservá-los é preciso mergulhá-los em formol; para observá-los mantê-los em cômodos de janelas hermeticamente fechadas.... E vai-se mais longe: agora é

necessário ocupá-los, pô-los a operar máquinas, der-lhes ferramentas, mas tudo isso dá na mesma. (Oury apud Guattari, 2004: 23 – grifo nosso).

Para sair dessa lógica, nos diz Oury, há um salto a ser dado, o de substituir relações administrativas racionais de sujeito a objeto por relações existenciais de pessoa a pessoa. Ao que Guattari acrescenta a perspectiva a partir da qual é necessário conceber as proposições técnicas, de atendimento, de socioterapia, aqui nomeada de perspectiva “Tempos Modernos” que, segundo ele, deveria fazer ver com clareza se se está trabalhando para a ciência, a psicologia ou para curar o doente e se um atendimento deve estar voltado para a produtividade, para a readaptação ou para a relação social.

A partir dessa perspectiva, passamos a olhar então para as atividades e sua presença na instituição psiquiátrica. Atividades como ferramentas inseridas em um atendimento voltado para a produção de relações sociais.

Vemos como isso se dá na prática ao acompanharmos - no texto “Monografia sobre R. A.”, de 1956 - o relato de um acompanhamento psicoterapêutico no qual, após tentativas fracassadas de integração do paciente ao sistema da terapia ergo-social da clínica de La Borde, a equipe resolveu recorrer a uma técnica terapêutica especial para possibilitar a R. A. a retomada do contato com o real.

No início do tratamento, nos conta Guattari (2004: 35) R. A. se recusava a participar de todas as atividades propostas, passava a maior parte do tempo deitado na cama e ficava paralisado quando alguém se aproximava. Porém quando alguns jovens em tratamento na clínica passaram a se interessar por R.A. , conseguiram envolvê-lo numa série de atividades tais como: jogar,

praticar esportes, freqüentar o ateliê de desenho e participar da realização de um filme amador. A participação nessas atividades possibilitou que Guattari se aproximasse de R.A., o que foi fundamental para o seguimento do acompanhamento após uma tentativa de fuga e a recaída que a ela se seguiu.

Guattari nos diz que o acompanhamento deste caso nos mostra o lado instável e artificial desse tipo de envolvimento com atividades, mas nos aponta também que foi a partir deste envolvimento que foi possível estabelecer uma relação com R.A. Guattari refere-se também à experiência de apercepção de si mesmo e de sua forma de ação que ocorreu por ocasião da projeção do filme do qual R.A. havia participado como algo importante para o andamento do tratamento.

A partir da instauração de uma relação mais próxima (e por razões de simpatia, nos diz o autor) Guattari propõe a R.A o estabelecimento de um dialogo. No contexto deste atendimento, e ao dar-se conta de que há anos R.A. não lia nem escrevia, Guattari propôs ao paciente que copiasse um livro de Kafka, *O castelo*, pelo qual o paciente se apaixonou. Guattari também propôs que fosse R.A. que fizesse os registros em um caderno de anotações, de passagens interessantes dos encontros. O caderno se tornou o texto de R.A. que ele remanejou, corrigiu selecionou e no qual inseriu comentários. No final do artigo Guattari afirma que naquela ocasião R.A. estava completamente presente no texto no qual ele mesmo havia mergulhado. Segundo o autor, a partir da leitura deste texto

tem-se a clara impressão de que ele adquiriu uma compreensão mais fenomenológica da essência de sua doença e que esse é um bom

recurso para ajudá-lo a encontrar os caminhos que daí poderão surgir.
(Guattari, 2004: 40).

Neste relato clínico as atividades aparecem inicialmente como mediadores para o estabelecimento de relações significativas. Em seguida vemos que elas podem ser meios para que o paciente se aperceba de sua forma de fazer, de estar no mundo, de compreender sua doença e um recurso para a abertura de novos caminhos. Atravessando todo o relato temos a idéia de que as atividades propostas são recurso para estimular ações e experiências voltadas para o real.

3.2.2. As atividades no contexto da Psicoterapia Institucional

No texto “Introdução à Psicoterapia Institucional”, de 1962, Guattari apresenta as origens desse movimento associando-o à “terapêutica ativa” de Simon, como já vimos. Afirma também que o movimento, disparado no pós-guerra, respondia ao fato de que os Hospitais Psiquiátricos, da forma como funcionavam e estavam estruturados, haviam se tornado intoleráveis. Somava-se a isso as características do local onde surgiu, o Hospital do Saint-Alban, que havia servido de abrigo aos resistentes durante a guerra.³

Neste contexto, atividades e clubes terapêuticos foram instrumentos de desalienação e faziam parte de uma série de estratégias para solapar os fundamentos da psiquiatria, o que permitiria o estabelecimento de novas relações entre doentes e curadores, médicos e enfermeiros, profissionais e famílias, bem como uma aproximação entre psicanálise e psiquiatria. A idéia de

³ É importante considerar o contexto em que essa experiência se deu já que Guattari (2004: 92) nos informa que após a Libertação algumas circulares ministeriais propuseram a generalização de diferentes experiências em matéria de ergoterapia, mas que os resultados se mostraram decepcionantes.

fundo era a de que não era possível conceber uma cura psicoterápica para doenças graves sem efetuar a análise da instituição. Neste contexto as atividades aparecem como técnicas e métodos de dar voz aos sujeitos; são recursos de expressão pictórica e praxica, no interior da instituição da mesma forma que o são fora dela.

Além disso, em relação à contradição do papel do técnico marcado pela divisão entre a vocação de acompanhar a loucura e o fato de ser agente de inserção dessa loucura numa estrutura de controle, se nos colocamos na posição de aprofundar existencialmente a relação com a loucura, somos confrontados pelo aspecto mais agudo da pesquisa cultural e antropológica e de todas as formas de práxis humana, do cinema ao estudo de outras sociedades.

Vemos que aqui as atividades e fazeres humanos não estão sendo tomados como instrumento de tratamento, mas em seu caráter antropológico de prática cultural.

Assim pensadas, as atividades numa instituição que se coloca permanentemente em análise são em ferramentas que podem levar a uma recomposição subjetiva, ao produzir efeitos de sentido e intervir de modo decisivo num processo de cura. Trata-se de procurar e inventar aberturas, como diz o autor, “*abrir artificialmente novas fendas*” por onde o sujeito possa escapar.

A psicoterapia institucional nunca separa a doença mental de seu contexto institucional e social e busca realizar uma análise institucional a partir

da decifração dos efeitos imaginários, simbólicos e reais da sociedade sobre os indivíduos.

3.2.3. Colocando as atividades em análise

Mas é no pequeno artigo intitulado “Senhoras e Senhores, o SCAF⁴!”, publicado em 1957, que Guattari trata mais diretamente das atividades e seus usos na instituição psiquiátrica.

O título refere-se a uma frase que, segundo Guattari, tornou-se, em La Borde, “*o pivô de uma enorme máquina verbal sócio-terapêutica*” e que ele associa a um anúncio de feira ou de um ritual religioso, “*com seu cortejo de oficiantes e sua tediosa liturgia*”. (Guattari, 2004: 55).

O intuito de Guattari é desnaturalizar a Subcomissão, suas propostas e suas ações, e se perguntar acerca de sua natureza e sua real função. Poderíamos dizer, nos termos da Análise Institucional que seria desenvolvida mais tarde, que o autor coloca em análise essa Subcomissão.

Inicia se perguntando porque esta atividade não obrigatória era uma das que mais atraía os doentes, tendo assumido um papel polivalente de centro de informação, discussão, organização e assembléia comunitária. Para, em seguida objetar que esta atividade era, sim, imposta aos pacientes da mesma maneira como as marcas de produtos diversos se impõem para nós.

O público vê acumular-se no vazio de seu ócio ou de seu tédio a tentação de ir ao lugar no qual ‘disseram’ que vai ocorrer alguma coisa. (...) Este fator imaginário, em estado puro no SCAJ, é parece-me um fator constante e que vamos encontrar na base de todas as outras atividades: reuniões, ateliês, jogos, porém tornado menos aparente em função do maior ‘utilitarismo’ destas últimas. Não tenho a mínima dúvida

⁴ Sous-Commission des Activités Journalières, em português, Subcomissão de atividades diárias.

de que esse é o recurso de ‘ressocialização local’ dos doentes.” (ibid.: 56).

Vemos aqui se operar uma importante inversão: a instituição e suas atividades aparecem aqui como produtora de um imaginário que é, ele mesmo e não as atividades, o recurso de socialização. As atividades e sua organização servem, neste contexto, para criar esse imaginário, isto é, produzir uma subjetividade ressocializada.

E Guattari avança em sua crítica, dizendo que o SCAJ e as outras iniciativas institucionais não alteram o fato de que os loucos estão fora das relações contratuais com a família, o trabalho, a sociedade; elas não re-estabelecem a troca contratual, pois o que ali se faz não é realmente sério. Não é sério porque não há aí trocas reais.

No entanto, nos diz o autor, este elemento arbitrário de troca permanece necessário para ajudar o doente a escapar, em seu próprio ritmo, de si mesmo, do vazio em que foi lançado.

E Guattari finaliza com uma afirmação enigmática:

O engodo consiste em ser sempre na verdade ele que dê o primeiro passo mesmo que tenhamos preparado tudo de antemão, chegando-se a ponto de pressioná-lo bem para levá-lo a ficar diante de uma folha de papel e da pintura. (Ibid.: 58)

Em contraposição a essas atividades realizadas “sem seriedade” e na qual não se estabelecem trocas reais, Guattari (2004: 105) afirma que os grupos na perspectiva da terapêutica institucional devem estar ligados a uma atividade concreta. “*Vinculados a uma instituição, eles tem um ponto de vista sobre o mundo e uma missão a cumprir*”.

A principal contribuição da psicoterapia institucional consiste em reconhecer que o lugar de existência modifica radicalmente tudo que venha a existir em seu âmbito. Assim também é com as atividades ali realizadas. Sua preocupação é a de determinar as condições que permitem à instituição desempenhar um papel analítico.

3.2.4. Transversalidade: as atividades, a equipe de saúde mental e os especialismos técnicos

No texto “Reflexões sobre a terapêutica Institucional e os problemas da higiene mental no meio estudantil”, de 1964, Guattari trata da equipe e dos especialismos no campo da saúde mental. A ergoterapia⁵ aparece aqui como uma entre as diversas formas de intervenção (psicoterápicas, institucionais, medicamentosas) que devem estar associadas nas práticas neste campo. Considera que os problemas de saúde mental deveriam ser abordados como parte integrante do conjunto da pesquisa antropológica e não apenas questão de um grupo de especialistas, para que fosse possível desfazer fronteiras cristalizadas e esterilizantes entre o campo médico-biológico, as práticas psicoterápicas e o mundo, segundo ele inexplorado, da readaptação e dos lazes.

A equipe constitui uma estrutura privilegiada de acolhimento para as doenças mentais se as pessoas que a compõem puderem conjugar, sem incômodo, terapias medicamentosas, psicoterapias e a abordagem do trabalho, do jogo, dos lazes, do estudo, etc., e tiverem a oportunidade de participar de

⁵ É importante marcar que *Ergotherapie* corresponde, na França e nos países francófonos, à profissão Terapia Ocupacional, na tradição anglo-saxônica e trazida ao Brasil pela ONU com base na experiência americana.

atividades conjuntas com os doentes, ampliando de forma significativa a extensão do campo terapêutico.

Para o autor, apreender a problemática de um sujeito implica numa troca de informações no interior da equipe, mas também está em íntima relação com o ambiente institucional, as atividades propostas, a atmosfera, que são de responsabilidade da equipe no seu conjunto.

No entanto uma ameaça paira sobre a terapêutica institucional. Esta reside no movimento oposto ao da partilha das responsabilidades e da transversalização dos conhecimentos, caracterizado pelas tentativas das diferentes especialidades de se apossarem e tornarem parte de seu campo específico as práticas e saberes institucionais. Segundo Guattari (2004: 101) muitos elementos rejeitados da psiquiatria de vanguarda foram, por meio deste procedimento, precocemente desviados de seu caminho, entre eles a ergoterapia.

Guattari acredita que a ausência de uma concepção comum aos campos que se ocupam da saúde mental e a compartimentalização dos conhecimentos decorrem da dicotomia entre as preocupações interiores e os problemas sociais que se expressa de um lado no desconhecimento daquilo que acontece fora do hospital e de outro na psicologização dos problemas sociais. No entanto, na perspectiva da psicoterapia institucional a relação social não é um para além dos problemas individuais e familiares.

Para ultrapassar essa compartimentalização e tornar maleáveis fronteiras esclerosadas, Guattari propõe que seja ampliado o coeficiente de transversalidade das equipes, visando uma comunicação máxima entre seus

diferentes integrantes. A transversalidade é uma dimensão contrária e complementar às estruturas hierarquizadas e depende da possibilidade do grupo de comportar fenômenos de sentido verdadeiro e de ser confrontado pelo não-sentido, pela morte e pela alteridade.

3.2.5. Atividades e a subjetividade

No final da década de 60 e em torno dos acontecimentos de maio de 68 encontramos em vários textos as atividades humanas pensada para além do contexto da psicoterapia institucional e da experiência de La Borde.

O militante político atravessa o pensamento do psicanalista de forma mais contundente e a teoria marxista torna-se mais presente. As atividades ganham sentido no social do qual emergem e passam a ser trabalhadas como produção de uma subjetividade pensada de forma indissociável da esfera social. Subjetividade, não é entendida aqui como essencial e imutável, mas depende de instâncias individuais, coletivas e institucionais que a produzem. Para além da subjetividade individuada convém pesquisar os processos de subjetivação que produzem modos de viver, de se relacionar com o corpo, com o mundo, consigo mesmo, de produzir e de expressar.

No texto “O grupo e a pessoa (balanço desconexo)”, enfrentando a tarefa de tratar dos atravessamentos entre o sujeito, o grupo e a história, Guattari levanta a hipótese de que seria aspiração da classe operária a produção tangível de um sentido para suas atividades.

Em seguida afirma, seguindo Marx, que

por detrás de todo processo de produção, de circulação e de consumo, existe uma ordem de produção simbólica que constitui a própria trama

de toda relação de produção, de circulação e de consumo. (Guattari, 2004: 212)

O que está em jogo é a produção de sentido para o que se faz no seio de um coletivo. É por isso que ele diz que em La Borde, quando um grupo tem um sentimento de que está fazendo alguma coisa de importante e significativa, as tarefas mais ingratas assumem um sentido e são realizadas de forma engajada.

Ainda nas discussões sobre subjetividade e história, num texto de 67, Guattari, fazendo uma crítica ao estruturalismo, diz que a práxis humana só pode ser pensada se entendemos que a subjetividade não está em posição de reversibilidade com o significante. Pelo contrário, um efeito de sentido só pode ressoar no significado à medida que potencialidades subjetivas são liberadas produzindo uma ruptura no significante. Para o autor o essencial está no nível do fazer que faz a História, que faz histórias, e que se desenrola na realidade concreta.

Por fim, Guattari nos proporá a noção de *consistência subjetiva* para pensar os efeitos do trabalho com grupos de atividades em La Borde. A consistência subjetiva, nos diz ele, é uma superfície de localização que se constituiria num nível intermediário entre, de um lado, a solidão, o encontro a dois e a família, e de outro a multidão de rostos desconhecidos. Essa consistência subjetiva é o que daria suporte ao existir e ao fazer.

3.3. **Militância e Micropolítica: “Conspirar quer dizer respirar junto” (59)**

Revolução molecular: pulsações políticas do desejo foi publicado na França em 1977 e no Brasil em 1981. É o primeiro livro de Guattari publicado no Brasil. Na edição brasileira encontramos além dos textos extraídos da edição francesa – *La Revolution Moleculaire* – estão presentes dois artigos extraídos de *Psychanalyse et Transversalité*⁶, dois outros de *L'inconsciente Machinique* e dois textos inéditos. Aí estão reunidos artigos escritos na década de 70 e início dos anos 80, quando vemos ganhar grande força a verve militante de Guattari. Devemos ter em mente que estes textos foram escritos após os acontecimentos de maio de 68. São posteriores também ao encontro com Gilles Deleuze e à publicação do livro escrito a quatro mãos, *O anti-édipo*.

O Guattari militante coloca o ato em evidência. “Militar é agir. Não estamos nem aí para as palavras; o que desejamos são os atos”. (Guattari 2004: 359; Guattari, 1981: 12). Para ele também, interessa fazer a crítica da relação de exterioridade em que são colocados a atividade e seus produtos.

3.3.1. Atividades e o Capitalismo Mundial Integrado (CMI)

Guattari diz que o capitalismo contemporâneo é mundial e integrado porque potencialmente colonizou o planeta e porque coloca no horizonte uma realidade em que nenhuma atividade humana e nenhum setor da produção fica fora de seu controle. Assim, atos e fazeres são pensados no contexto de um sistema econômico, cultura e político que produz indivíduos em série e, através da sugestão audiovisual, dos meios de comunicação de massa, captura

⁶ É interessante notar que o primeiro texto publicado na edição brasileira é também o último que encontramos em *Psicanálise e transversalidade*.

desejos, imprime nos inconscientes os valores e ideais dominantes do capitalismo e faz proliferar sintomas, inibições e angústias.

Esses indivíduos produzidos em série estão fragilizados, e mal preparados para enfrentar os desafios do modo de vida que se apresenta, sobretudo devido à preocupação quanto a seu lugar nesta sociedade e à incerteza de sua condição diante dos processos de produção, distribuição e consumo. Como regime de permutabilidade (qualquer coisa pode equivaler a qualquer outra) o capitalismo reduz tudo a fluxos indiferenciados e codificados, que cada um recodifica de modo privado e culpabilizado.

Por outro lado, há hoje uma mundialização da divisão do trabalho e uma captura de todos os tipos de atividade, inclusive aquelas que escapam da definição econômica de trabalho, tais como os modos de produção marginais, a vida doméstica, o esporte, a cultura. As atividades mais cotidianas estão, assim, atravessadas pelo modelo moral e econômico do capitalismo. É aí que se vive (aula do Orlandi 21/06/2006). Nas palavras de Guattari, “*O terror se enraíza no cotidiano (...). Terror para reduzir o cotidiano à forma miserável na qual foi enclausurado*”. (Guattari, 1981: 56). A oposição trabalho-lazer vai aos poucos se desfazendo, como se todo o tempo disponível - o do trabalho e o do não-trabalho – já tivesse sido colonizado. Isto porque, esta captura das atividades e do trabalho humano requer a modelização de cada trabalhador no seu registro de saber específico, mas também nos seus sistemas de interação com a sociedade. Cada vez mais o conhecimento, o grau de participação na organização do trabalho, a disciplina coletiva adquirem importância no aumento da produtividade. “*Através dos modos de vida urbano, doméstico, conjugal, a*

industria dos lazeres e ate os sonhos em instante algum tem-se a impressão que se poderá escapar ao controle do capital.” (Ibid.: 194)

De outro lado, o trabalho está amputado do desejo e é só porque se neutralizou no trabalhador qualquer acesso ao desejo que pode-se apoderar-se de sua força de trabalho e de sua potência de criação. *“Cortar o desejo do trabalho, eis o imperativo primeiro do capital. (...) Uma sociedade que sobrecodifica toda produção pela lei do lucro tende a separar definitivamente a produção desejanste da produção social..” (Guattari, 1981: 78).*

Além da sobrecodificação pelo lucro, a produção automatizada e informatizada que caracteriza a atual fase do capitalismo não extrai mais sua consistência de um fator humano, mas de um agenciamento maquínico que atravessa, contorna, dispersa, miniaturiza todas as atividades humanas.

Como nos salvar? Como desgrudarmo-nos da ideologia dominante que impregnam nossa pele, que fala em nós e apesar de nós? Como reconectar as atividades humanas a sua potência de inventar mundos? Guattari sugere que é preciso agir e trabalhar, mas como *agentes coletivos de enunciação*, grupúsculos (ou grupelhos, de acordo com a tradução) que proliferariam em toda parte, se organizando para a sobrevivência material e moral de cada um de seus membros e de todos os desamparados, explorados e excluídos que os cercam... *“A luta de classes rompe com a dominação na fábrica, o compartilhar rompe com a dominação pelo isolamento, o desejo transforma o cotidiano. E a escrita (e nós diríamos, as atividades humanas em geral) percorre transversalmente as ordens recompondo-as de maneira criativa.” (Ibid.: 56)*

3.3.2. Atividades e desejo

Restaurar para as atividades humanas seu sentido e sua força exige que imaginemos outros princípios. Todas as faculdades são passíveis de serem elevadas a sua máxima potência por força da sensibilidade. Torna-se urgente inventar uma outra concepção das relações entre produção, distribuição e consumo, e entre produção, formação e pesquisa que não sejam antagônicas com a produção desejanter, artística, onírica. Para tanto é preciso reconectar as atividades ao desejo. Somente através de uma análise permanente das estruturas sociais e dos modos de subjetivação que revelem novas modalidades de organização da subjetividade coletiva é que se poderia transformar inteiramente os modos de relação com o trabalho, em particular a cisão entre o trabalho considerado socialmente útil pelo capitalismo e o trabalho inútil do desejo, saindo da oposição entre valor de uso e valor de troca. (Guattari, 1981: 22)

O desejo para Guattari é pura positividade intensiva. Ele é extraterritorial, desterritorializado e desterritorializante. A enunciação individuada do desejo é já uma condenação do desejo à castração e ao familialismo. Totalmente outra é a idéia de um agenciamento coletivo que fariam o desejo escapar a esta captura e conecta-lo a multiplicidades abertas ao campo social.

E Guattari nos pergunta: “*Será que uma produção de desejo, um sonho, uma prática amorosa, uma utopia concreta, um dia acabarão conquistando no plano social a mesma dignidade de existência que uma produção mercantil de automóveis ou de enlatados?*” (Ibid.: 79)

3.3.3. Atividades, signos e expressão

Isto tudo implica uma luta micropolítica que está pautada também na luta pela polivocidade da expressão semiótica. O capitalismo empreende uma sujeição semiótica de indivíduos e coletividades. Para Guattari o capital não é apenas uma categoria econômica relativa à circulação e acumulação de dos bens e dos meios. E antes categoria semiótica a todos os níveis da produção da estratificação dos poderes. O CMI tende a descentrar seu foco de poder das estruturas ligadas à produção de bens e serviços para investigar naquelas produtoras de signos, sintaxe e subjetividade.

Neste sentido possibilitar que pessoas se expressem pela pintura, dança, canto, sem que estas atividades estejam submetidas à lógica dominante permite ao desejo escapar às modelagens midiáticas, ampliando as capacidades de expressão, o que poderia ajudar essas pessoas a fazer frente à sobrecodificação capitalística, dando ao desejo meios de se exprimir no campo social. Trata-se, nas palavras do autor, de *“criar condições que permitam aos indivíduos adquirir meios de expressão relativamente autônomos e portanto relativamente não recuperáveis pelas tecnologias das diversas formações de poder”*. (Guattari, 1981: 55).

Isso tudo está inserido numa luta ao nível da produção semiótica, dos signos e da informação e de questionamento da manipulação do imaginário, pois os meio de comunicação, a publicidade não param de interferir nos níveis mais íntimos da vida coletiva. A interrupção, a subversão e a invenção de fluxos de produção e de circulação de signos constituem um campo de ação

política direta. Importa modificar modos coletivos de semiotização, fazê-los proliferar e elaborar suportes expressivos singulares.

Os fluxos de saber, os fluxos semióticos estão à serviço da modelização das subjetividades, da reprodução de atitudes coletivas de submissão às hierarquias e adaptação às relações de poder dominantes. Esses processos e fluxos não são agenciados segundo finalidades assumidas coletivamente, o que provoca uma intoxicação semiótica generalizada.

Por outro lado a re-conexão com o desejo e o acesso ao inconsciente, pensado aqui como maquínico, nos permite transitar por platôs de intensidades constituídos por devires. Aí, segundo Guattari, se entrelaçam os efetivos motores da práxis antes da oposição realidade-representação. (ibid.: 170)

Em suma, tudo depende dos grupos humanos e sua capacidade de agenciar as forças materiais e sociais que se abrem para um desejo de viver e mudar o mundo. Isto se dá de forma mais claro em *agenciamentos coletivos de enunciação* que produzem seus próprios meios de expressão e nos quais se trabalha os fluxos semióticos, materiais e intelectuais num mesmo fazer. Para Guattari só um grupo sujeito pode produzir fluxos semióticos, quebrar significações, abrir a linguagem para outros desejos e forjar outras realidades. (Ibid.: 179)

3.3.4. Atividades e constituição de territórios existenciais

Segundo Guattari (1981; 1990) a época contemporânea acelerou e incrementou a produção de bens materiais e imateriais, no entanto esse incremento veio acompanhado de uma desterritorialização maciça dos modos locais de semiotização que ameaça a consistência dos territórios existenciais individuais e coletivos, engendrando um imenso vazio na subjetividade.

Para fazer frente a esse processo de desterritorialização que reterritorializa tudo sob a égide de uma semiótica hegemônica e homogeneizante, é preciso investir catalizadores existenciais, traços de singularidades que proliferam por toda parte, mas que somente através de um Agenciamento coletivo de enunciação que lhes dê suporte expressivo eles podem ganhar consistência.

Esses catalizadores são o que Guattari chama de ritornelos existenciais, fragmentos semióticos destacados de conteúdos, lugar por excelência da subjetivação. O trabalho de expressão, marcação e inscrição desses ritornelos concernem à literatura, às artes, mas também operam na vida cotidiana e na vida social a cada vez que está em construção um território existencial. (Guattari, 1990). Criar territórios, possibilitar a emergência de processos de subjetivação, encontrar formas de expressão e de inscrição para traços de singularidade. Potência das atividades humanas. É a abertura práxica que constitui a essência das ecologias proposta por Guattari criando maneiras de habitar e tornar próprio os territórios existenciais.

Para Deleuze & Guattari (1997: 244) “Tudo começa por ritornelos” Para os autores o **ritornelo** tem três aspectos ou momentos: o primeiro é como uma forma de saltar do caos em direção a um começo de ordem, um esboço

de centro estabilizador no seio do caos; o segundo é o momento da constituição de um *em casa*, um território, a partir desse centro frágil e incerto; o terceiro se caracteriza pela abertura do território em função das forças que ele abriga. Partimos de uma experiência que nos desestabiliza e desterritorializa, para a criação de uma consistência para o que fazemos e vivemos. Essa consistência implica uma territorialidade que se abra para o mundo, em direção a outros agenciamentos territoriais.

Um território se faz, se constrói pelo ato expressivo. Ele diz respeito à experiência existencial, que é também e constantemente engendrar formas expressivas e estéticas. A questão da expressividade tem fundamental importância, pois no trajeto de constituir mundos estabelecemos contato com uma multidão de fluxos⁷, que é diferente dos próprios mundos constituídos, criando “mundos-próprios” – poderíamos pensar que se trata aqui de um em casa / território / constituídos por uma série de elementos semióticos que delimitam uma certa experiência existencial, através da produção incessante de formas diferenciadas.

As três ecologia concebidas por Guattari deveriam ser pautadas por paradigmas ético-estéticos, marcados por uma heterogênesse, processo contínuo de ressingularização e de invenção de novas práticas sociais, novas práticas estéticas, novas práticas de si na relação com o outro, com o estrangeiro, com o ambiente natural. Nos dedicaremos a seguir a entender melhor este paradigma.

⁷ “Fluxo é qualquer coisa, em uma sociedade, que corre de um pólo a outro, e que passa por uma pessoa, unicamente na medida onde as pessoas são interceptadores.” (Deleuze, 1971, p. 5). Ou ainda: “O processo, é aquilo que chamamos o fluxo. Ora, ainda aí, o fluxo, é uma noção de que precisávamos como noção qualquer não qualificada. Isso pode ser um fluxo de palavras, de idéias, de merda, de dinheiro, pode ser um mecanismo financeiro ou uma máquina esquizofrênica: isso supera todas as dualidades.” (Deleuze, 2002, p. 305).

3.4. Ecologia e Estética

No último livro publicado por Félix Guattari, *Caosmose: um novo paradigma estético*, que chegou ao Brasil em 1992, temos acesso a última etapa da pesquisa deste autor, apresentada em 1990 no Colégio Internacional de Estudos Filosóficos Transdisciplinares. Esta apresentação aparece aqui em companhia de textos e conferências inéditas do mesmo período, que colocam em funcionamento um novo paradigma estético proposto pelo autor na interface entre arte, ciência e filosofia, na perspectiva de fazer transitar as ciências humanas e sociais de paradigmas cientificista para paradigmas ético-estéticos. Esta pesquisa rumou para a proposição de uma esquizoanálise pautada por uma ética da finitude ao mesmo tempo criadora e marcada pela resistência, pensada no interior de uma ecosofia.⁸

Encontramos nesses textos as atividades humanas pensadas nos dois contextos em que foram trabalhadas por este autor: o contexto da clínica – e aqui encontramos de forma clara as atividades funcionando numa concepção esquizoanalítica de clínica; o contexto do CMI, suas relações com o ambiente natural, social e subjetivo. Atravessando esses dois contextos, a concepção de base de uma subjetividade criacionista e autopoiética e da atividade humana simultaneamente como ferramenta de produção de subjetividade e forma através da qual traços de singularidade ganham expressão e inscreverem-se no mundo.

⁸ Guattari (1990) denomina de ecosofia a articulação ético-política de três registros ecológicos: o do meio ambiente, o das relações sociais e o do da subjetividade humana.

Vamos acompanhar este trabalho mais de perto, tomando as atividades nesses dois contextos.

3.4.1. As atividades no contexto da clínica esquizoanalítica

Em vários textos presentes em *Caosmose* Guattari retoma a experiência de *La Borde* e nessa retomada fica-nos claro o papel das atividades nesta clínica. No texto “Heterogênese” ele nos diz que a ecologia mental e social que ele havia proposto em *As três ecologias* e que reapresenta aqui encontraram lugar de exploração privilegiado nas experiências da Psicoterapia Institucional, em particular na Clínica de *La Borde* “*onde tudo foi preparado para que os doentes vivam um clima de atividade e de responsabilidade*”. (Guattari, 1992: 16). Este preparo se deu, nos diz ele, com o objetivo de desenvolver ambientes de comunicação, mas, sobretudo, para que fossem criadas instâncias locais de subjetivação coletiva, buscando uma produção singular. As pessoas assim teriam acesso a universos materiais e semióticos que lhes escapavam completamente, como para alguns o universo das artes e para outros, o do trabalho manual, na cozinha ou no jardim, já que nesta concepção, componentes os mais heterogêneos podem contribuir para a saída de impasses e situações cristalizadas, para o estabelecimento de uma relação autêntica com o outro e são ocasiões de abertura para o exterior. O trabalho clínico é pautado por engajamento e risco. O que importa,

Não é unicamente o confronto com uma nova matéria de expressão, é a constituição de complexos de subjetivação: indivíduo-grupo-máquina-trocas múltiplas, que oferecem à pessoa possibilidades diversificadas de

recompor uma corporeidade existencial, de sair de seu impasses repetitivos e, de alguma forma, de se re-singularizar. (Guattari, 1992: 17)

As modalidades de subjetivação e as produções materiais que operam a partir daí não procedem de dimensões já existentes da subjetividade, mas de uma criação e são, por isso, do âmbito de um paradigma estético.

As atividades humanas colocam as pessoas em contato com a dimensão coletiva da existência e possibilita que a individuação subjetiva seja trabalhada por Agenciamentos coletivos de enunciação. É importante marcar que o termo “coletivo” para Guattari deriva de uma lógica dos afetos, mais que dos conjuntos e remete a uma multiplicidade que se desenvolve junto ao sócio para além do indivíduo e junto a intensidades pré-verbais, aquém da pessoa.

Numa instituição o conjunto das atividades – o emaranhado dos ateliês, reuniões, vida cotidiana, vida cultural – engendra a matéria institucional e produz uma vida coletiva de efeito terapêutico. Neste contexto, um dispositivo clínico poderá, segundo Guattari, se encarnar em um subconjunto institucional, tal como a cozinha ou um ateliê, se esses espaços adquirirem uma consistência autopoietica. No entanto do ponto de vista esquizoanalítico sua potência clínica não está dada desde sempre. A cozinha pode ser um lugar estereotipado e vazio ou pode vir a desencadear processos de enunciação, ao entrar em conexão com sistemas de trocas econômicas, afetivas. É apenas o conjunto dos focos autopoieticos, considerados em rede, que poderá exercer uma função analisadora.

Segundo Guattari, na Clínica da La Borde se visava, através de seu múltiplo sistema de atividades e da tomada de responsabilidade em relação a

si mesmo e ao outro, era possibilitar que indivíduos e grupos se libertassem da serialidade⁹ e se reapropriassem do sentido de sua existência em uma perspectiva ética.

As atividades têm um lugar e uma função importantes nesta clínica já que o inconsciente concebido por Guattari é um inconsciente produtivo que superpõe múltiplos extratos de subjetivação e que está mais voltado para práxis atuais que para fixações e regressões referidas ao passado. Ao engajar-se em uma atividade o paciente poderia descobrir e revelar capacidades de expressão totalmente imprevisas e experimentar nova relação com o mundo.

A subjetividade é empreendida em sua dimensão de criatividade processual, é resultante de componentes múltiplos e heterogêneos, envolvendo a idéia de uma autonomia de ordem estética, autopoietica, no termo que Guattari toma de Francisco Varela. Essa subjetividade “longe do equilíbrio” e longe dos equilíbrios dominantes é pensada pelo filósofo à luz do delírio, do processo primário, numa dança em direção ao caos na tentativa de captar suas linhas de singularidade e de renovação. É uma subjetividade pensada a partir da psicose, já que esta revelaria um motor essencial do mundo¹⁰. Para Guattari a experiência do caos, a experiência pática anterior à discursividade, que tem na loucura uma de suas expressões privilegiadas, atravessa também o “self emergente” da criança (na expressão tomada de Daniel Stern) e a criação estética. (Ibid.: 99)

⁹ Serialidade aqui entendida tal como a proposta por Jean-Paul Sartre para definir o caráter repetitivo e vazio de um estilo de existência concernente a um funcionamento de grupo “prático-inerte”. (187)

¹⁰ Guattari (1992: 183) conta que foi a partir da experiência de La Borde, na qual se desenvolvia em torno da loucura uma vida coletiva, que pode ver o verdadeiro rosto da psicose, o de uma relação diferente com o mundo.

Segundo Guattari, essa experiência pática e o mundo com o qual a psicose entra em contato não são somente de ordem imaginária, mas encarnam-se também no meio social e material. Assim é o campo intersubjetivo e o contexto prático e pragmático que deverão trazer novas respostas.

Respostas que buscarão conectar-se a uma polifonia de modos de subjetivação que essa experiência do caos dá lugar e que correspondem, por sua vez, a uma multiplicidade de maneiras de marcar o tempo. São os ritmos próprios encarnados em territórios existenciais. Esses territórios existenciais se constituem em torno a ritornelos em torno do qual de alguma forma se articula os diferentes componentes de subjetivação que mantém, no entanto, sua heterogeneidade. No caso de uma crise psicótica o território existencial é ameaçado e os componentes parciais soltam-se em uma movimentação caótica. O psicótico fica como que instalado no centro de uma fenda caótica e esforça-se para apossar-se dela e circunscrevê-la numa tentativa de reconciliar caos e complexidade. Mas é deste lugar vazio e pleno de intensidades, desse “ponto umbilical de desconstrução”, que constituem-se mundos e emergem coeficientes de criatividade potencial; sobre ele se forma, insistem e ganham consistência os territórios existenciais e os universos de referências incorporais. (Ibid.: 102)

É nesta situação que a captação de um traço de singularidade capaz de constituir-se em ritornelo pode dar lugar um acontecimento interpretativo numa intervenção clínica concebida como pragmática, que é mais da ordem da performance, marcando uma bifurcação irreversível da produção de

subjetividade. Guattari dá exemplos de acontecimentos menores que compõe o cotidiano da clínica em saúde mental quando alguém enuncia seu desejo de aprender um ofício ou de voltar a realizar alguma atividade. São acontecimentos menores, ele nos diz, que poderiam passar despercebidos, mas se agarramos a oportunidade e os fazemos funcionar, eles podem desencadear um ritornelo complexo que pode abrir para esta pessoa uma nova constelação de universos de referência e novos campos na vida: relação com pessoas, paisagens, movimentos corporais, etc. e permitir que um modo de subjetividade que perdeu sua consistência encontre a via de uma passagem a existência. (Ibid.: 30) Esta intervenção pragmática está voltada, assim, para a produção de subjetividade e para a construção de mundos e vidas possíveis. No centro dessa forma de intervenção está a ação do terapeuta e a ação da pessoa atendida. O tempo deixa de ser vivido passivamente, ele é agido.

É assim que Guattari concebe a função poética da clínica - a de catalizar operadores existenciais, recompor universos de subjetivação e de re-singularizados - e que ele vê operar em formas de expressão escriturais, musicais, plásticas, engajando simultaneamente o criador e o apreciador de arte.

A busca de ampliar e diversificar as formas de expressão não visa articulá-las numa relação discursiva ou significacional, mas a intensificação existencial de uma dada experiência singular, afirmação de uma passagem de um tempo a outro, de um lugar a outro. Trata-se de atividades de “coleta ontológica” (incessante busca de diferentes modos de ser), cuja ênfase se coloca na própria coleta e não nos objetos coletados. (Ibid.: 74) Numa lógica

das intensidades, o afeto ou a relação pática indicam a possibilidade de apreender uma situação relacional complexa, numa abordagem não discursiva e da hipercomplexidade.

A perspectiva esquizoanalítica rompe com os paradigmas científicos, para fazer passar todas as produções de subjetividade sob a égide de paradigmas ético-pragmáticos, ético-estéticos. Não se propondo a substituir outras teorias, narrativas, sistemas de significação já existentes, ou metamodelizações, como ele denomina, a esquizoanálise tem a intenção de colocar para qualquer um deles uma série de perguntas: como abordar a questão da enunciação? como tratar os universos de valores e a problemática da produção de alteridade? como tratar das questões da singularidade e da finitude?

Neste contexto a práxis clínica é essencialmente um trabalho de intensificação dos componentes de subjetivação, de singularização, de heterogênesse, de passagem ao ser e também, simultaneamente, de homogênesse territorial. Aqui já não se trata de interpretar, de partir à procura de conexões entre um conteúdo manifesto e um conteúdo latente, de fornecer chaves explicativas, mas de mudar as coordenadas enunciativas desses conteúdos, transformar suas matérias de expressão, dar-lhe uma intensificação e uma existência em processos criativos. Trata-se de uma pragmática de recomposição de territórios existenciais, de entrada em matérias de expressão heterogêneas, de produção de componentes que ainda não estavam presentes, o que implica uma renúncia à neutralidade terapêutica e a aceitação do desafio de uma auto-invenção permanente. Povoam o cotidiano desta

pragmática esquizoanalítica uma multiplicidade heterogênea de componentes, dos sistemas de defesa bem socializados (esportes, jogos) às vias precárias de cura (construções delirantes), as práticas cotidianas, os sonhos, as experiências estéticas.

3.4.2. Atividades e Corpo

Esta clínica implica também uma redefinição aberta do corpo que passa a ser concebido como intersecção de componentes autopoieticos parciais, de configurações múltiplas e intercambiantes. Vários corpos que se compõe de infinitas formas: o corpo próprio especular (a imagem do corpo próprio?), o corpo fantasmático, o esquema corporal, o soma biológico e orgânico, neurológico, o eu imunitário, a identidade no interior de ecossistemas familiares e ambientais. Esta multiplicidade de corpos em infinitas composições é o que autoriza uma clínica também múltipla, de estratégias combinadas: abordagens analíticas, corporais, farmacológica, psicoterapêutica institucional, de caráter estético, etc.

Mas uma redefinição do corpo não está relacionada somente, para este autor, a uma recomposição da clínica, mas diz respeito a uma reproposição das relações entre corpo, espaço e subjetividade, pensadas numa perspectiva transdisciplinar e do ponto de vista dos agenciamentos coletivos de enunciação. (Guattari, 1992: 153). Cada agenciamento de enunciação desencadeia modalidades de espacialização e de corporalidade singulares.

Cada atividade que o corpo realiza o conecta a agenciamentos coletivos diferenciados, já que cada atividade possui uma história, um contexto cultural,

técnicas específicas, produzindo determinados corpos e subjetividades. Corpos e subjetividades múltiplos que se fazem e desfazem nas relações com as mais diversas atividades e que podem mesmo ser capturados por estas. Guattari nos dá alguns exemplos dos corpos e espaços que se fazem quando dirigimos um carro, assistimos a um filme ou lemos um livro: a postura do corpo, o ritmo respiratório e cardíaco, as descargas humorais, tudo se modifica. Assim, existem tantos espaços e tantos corpos quantos forem os modos de semiotização e de subjetivação. Ao mesmo tempo, a cada momento espaço-temporal uma simultaneidade de corpos e formas de experimentar o espaço atuam em nós, numa polifonia de formas subjetivas que nos compõem.

A organização contemporânea dos espaços em que vivemos e das atividades que realizamos desmembram nossos antigos espaços de referência e conectam nossos órgãos sensoriais, nossas funções orgânicas, nossos funcionamentos sensório-motores, nossa imagem do corpo, a um mundo técnico-científico numa velocidade de desterritorialização cada vez maior. A rapidez das desterritorializações impostas, nos impõe também uma premência de inventar territórios – mínimos pedaços de terra para habitar – muitas vezes sem que tenhamos o tempo de gestar e parir – a partir de nosso processo vital que vai se fazendo nos encontros - novas formas de vida. É imperativo que possamos colocar a criação desses novos territórios a serviço de uma produção autopoietica.

A questão é saber com que velocidade conseguiremos inventar novos territórios existenciais que possam dar consistência a essa experiência constante de desfazimento e perda de referenciais. É neste sentido que

Guattari afirma que a redefinição das relações entre os espaços construídos e os territórios existenciais tornar-se-á uma das principais questões políticas do nosso tempo. (Ibid.: 159)

3.4.3. Atividades e Agenciamentos Coletivos

Guattari (1992: 130) nos diz em *Caosmose* que a potência estética do sentir talvez esteja em vias de ocupar uma posição privilegiada no seio dos agenciamentos coletivos de enunciação em nossa época. Segundo ele, esses agenciamentos de enunciação apontam para um tipo de subjetividade polissêmica, transindividual, que encontramos no mundo da primeira infância, da loucura, da paixão amorosa, da criação artística. Há aqui um paradigma proto-estético para pensar esses agenciamentos, que não se refere a arte institucionalizada, mas a uma dimensão de criação em estado nascente que apontam para passagens a ser dos universos materiais – devires.

A função dos agenciamentos de enunciação consiste na utilização de cadeias discursivas para estabelecer um sistema de repetição, de insistência intensiva, polarizado entre um território existencial e universos incorporais desterritorializados.

Guattari (1982) nos propõe pensar três tipos de agenciamento de enunciação que existiram na história do ocidente e que ele assim desenha:

Um primeiro tipo de agenciamento territorializado de enunciação, no qual o território existencial, se faz ao mesmo tempo terra natal, pertencimento do eu, amor do clã e efusão cósmica. Não existe aqui trabalho que incida sobre as formas materiais que não presentifique entidades imateriais, inversamente toda pulsão dirigida a um infinito desterritorializado é acompanhada por um

movimento de recuo em torno de limites territorializados – passagem ao para-si coletivo. Valorização polifônica e rizomática.

Um segundo tipo de agenciamentos maquínicos desterritorializados no qual a segmentação do movimento infinito de desterritorialização é acompanhada por uma espécie de reterritorialização, por uma setorização e bipolarização dos valores que pode ser qualificada de capitalística em razão do esgotamento e desqualificação das matérias de expressão que realiza e que as engajam na órbita da valorização econômica do capital. Nestas reterritorializações valores de desejo, de uso e de troca são tratados num mesmo plano, fazendo com que qualidades diferenciais e intensidades não discursivas passem a funcionar sob a égide das relações binárias e lineares. Neste tipo de agenciamento a subjetividade padroniza-se, tendendo a reduzir-se a uma troca de fichas informacionais.

Por fim, o agenciamento processual - que Guattari se propõe a esboçar a partir de traços e sintomas que vê se manifestarem no contemporâneo e que é, por isso mesmo, muito difícil de definir e captar - confere ao paradigma estético uma posição de transversalidade em relação aos outros universos de valor, intensificando focos criacionistas e de consistência autopoética e conduzindo a um re-encantamento das modalidades expressivas de subjetivação. Aqui os territórios existenciais se diversificam numa maquinação para criar maneiras de ser. E esse criacionismo constitui formas de resistência à padronização das subjetividades produzida pelos agenciamentos capitalísticos que espalhando pelo *sócius* uma desterritorialização

generalizada, reterritorializa tudo sob o equivalente geral – repetição do mesmo.

Nessa forma de agenciamento, a criação está a serviço de uma produção autopoietica, provocando uma emergência contínua de sentidos e uma produção de efeitos de sentido singulares. Fundado sobre o desequilíbrio, esses agenciamentos maquínicos dependem sempre de elementos exteriores para poder existir e criam universos de referência marcados pelo selo da singularidade, nos quais é impossível fundar uma traduzibilidade geral dos diversos componentes de enunciação parcial. Segundo Guattari (1992: 63) um caráter pático, não discursivo marca esses agenciamentos. As figuras semióticas a-significantes não produzem apenas significações; elas intervêm diretamente em uma série de processos, desencadeiam paradas, movimentos, acionam “passagens ao ser” de universos ontológicos.

Aqui estão em jogo diferentes modos de semiotização sem que haja predominância da linguagem discursiva, mesmo se as cadeias da língua pareçam sempre sobrecodificar todas as outras. Por outro lado, quando falamos há um esforço para conservar viva a presença de componentes semióticos ditos não-verbais. A entonação, o ritmo, as expressões faciais, as posturas constituem as dimensões existenciais da expressão e marcam uma forma singular de estar no mundo. Essas discursividades fonológica, gestual, espacial, musical, somam-se consistências de conteúdo não-discursivas e dão suporte à constituição de territórios existências.

Um agenciamento maquínico extrai sua consistência através de seus componentes heterogêneos, ultrapassando fronteiras de autopoiese criativa.

3.4.4. Atividades e ecologia

As preocupações ecológicas de Guattari aparecem no contexto das discussões sobre as formas de organização e funcionamento do Capitalismo Mundial Integrado. Já em um texto de 1970, “Somos todos grupúsculos” (ou grupelhos de acordo com a tradução), o autor alerta para o fato de nos 20 anos seguintes a humanidade teria se duplicado sem que tivéssemos nos organizados para acolher os recém-chegados. Segundo ele a integração maquínica da humanidade hoje em curso, continuaria a avançar. A questão estava em saber quais as modalidades que orientariam este avanço e se seria mantida uma tônica de oposição às linhas criativas do desejo e às finalidades humanas mais fundamentais.

No livro *As três ecologias*, publicado na França em 1989 e no Brasil em 1990, Guattari diz que os modos de vida humanos individuais e coletivos tem evoluído no sentido de uma progressiva deterioração e que para onde nos voltamos encontramos o paradoxo de um desenvolvimento de novos meios técnico-científicos potencialmente capazes de determinar o equilíbrio das atividades socialmente úteis confrontado com incapacidade das forças sociais e das subjetividades de se apropriar desses meios para torná-los operativos. A sobrevivência da espécie humana no planeta está ameaçada por degradações ambientais, pelo esgarçamento do tecido das solidariedades sociais e dos modos de vida psíquico que é preciso re-inventar.

Para fazer frente a uma tal situação somente uma articulação ético-política entre os três registros da ecologia – meio ambiente, relações sociais e

subjetividade humana, que ele chama de ecosofia, poderia se opor a essa deterioração e instaurar um movimento que deveria concernir às relações de força visíveis, mas também aos domínios moleculares da sensibilidade, da inteligência e do desejo. Essa referência ecosófica poderia indicar linhas de recomposição das práxis humanas em variados domínios – da vida cotidiana, das artes, da política – através de dispositivos de produção de subjetividade que caminhassem no sentido de uma re-singularização individual e coletiva.

Em relação às atividades, Guattari prevê que, em decorrência do desenvolvimento do trabalho maquínico e da revolução informática, uma quantidade cada vez maior de tempo de atividade humana potencial ficará disponível. Resta saber o que este tempo vai produzir: desemprego, ociosidade, isolamento, solidão, marginalidade, angústia? Ou será que este tempo poderá ser agenciado em espaços de cultura, criação, pesquisa, reinvenção do meio ambiente, de enriquecimentos dos modos de vida e da sensibilidade?

Por trás desta questão encontramos o questionamento dos modos dominantes de valorização das atividades humanas, pautados no mercado mundial que faz equivaler bens materiais, afetivos, culturais e áreas naturais. Está em jogo, portanto, a instauração de uma nova configuração das relações entre o capital e a atividade humana e os modos de produção de subjetividades que dizem respeito a sistemas de valor situados na raiz de novos agenciamentos produtivos. Como inventar outras formas de valorização das atividades (sociais, estéticas, desejantes) e fazê-las funcionar? Como

“reapreciar a finalidade do trabalho e das atividades humanas em função de critérios diferentes daqueles do rendimento e do lucro?” (Guattari 1990: 42).

3.4.5. As atividades e o paradigma estético

Guattari pensa também no impacto da atividade humana sobre situação ambiental do planeta. Vivemos hoje num mundo atormentado por impasses ecológicos, urbanos, demográficos, éticos. Uma sociedade produtivista na qual as atividades humanas foram capturadas para dentro de um quadro de valor pautado no lucro e na exploração de todos os recursos existentes e articuladas a uma subjetividade do equívoco generalizado, marcada igualmente por uma incapacidade generalizada de enfrentar os problemas ecológicos e de assumir as mutações técnico-científicas sem precedentes de forma compatível com os interesses da humanidade.

Assim, torna-se essencial re-fundar os modos de valorização e as finalidades fundamentais das relações humanas e das atividades. Para o autor, *“a única finalidade aceitável das atividades humanas é a produção de uma subjetividade que enriqueça de modo contínuo sua relação com o mundo.”* (Guattari, 1992: 33)

Neste quadro Guattari vê nas práticas estéticas, compostas por blocos de sensações, a importante e imprescindível função de desmanchar as significações coladas às percepções triviais e as opiniões que impregnam as vivências comuns e cotidianas. Extraindo dimensões intensivas a partir de percepções e estados de alma banais e corriqueiros, essas práticas podem ser vias de passagem em direção a formas mutantes de subjetividade, que possa

acolher a dor, o desejo e a morte como tempero essencial à “cozinha da vida”. Elas descentram o ponto de vista e multiplicam os componentes de expressão, passando necessariamente pela desconstrução das estruturas e dos códigos em vigor e evidenciando a gênese das formas antes que elas tomem seu lugar nas redundâncias dominantes, o que torna possível uma recomposição e um enriquecimentos do mundo.

Para Guattari (1992:115) é hoje nas trincheiras da arte que encontramos os mais consistentes e conseqüentes núcleos de resistência ao rolo compressor da subjetividade capitalística do equivaler generalizado e da segregação da alteridade. A arte não detém o monopólio da criação, mas leva ao ponto extremo uma capacidade de invenção de modos de ser inéditos, o que nos leva ao limiar decisivo de constituição deste novo paradigma estético que reside na possibilidade e na aptidão dos diferentes processos de criação de se auto-afirmarem como fonte existencial e como máquina auto-poiética. Nesse sentido a estetização da vida / do mundo conduz a um re-encantamento de modalidades expressivas de subjetivação sui-generis e multiplica os universos de valor que passam a se singularizar.

A poesia, a música, as artes plásticas, o cinemas, as performances tem uma contribuição importante numa ecologia do virtual que, para além das relações de força visíveis, se proporá a preservar as espécies ameaçadas da vida cultural e a engendrar condições de invenção de formas de subjetividade inusitadas, nos colocando na eminência de criar novos sistemas de valorização um novo gosto pela vida, uma nova suavidade.

Mas é importante marcar: a arte aqui não é somente aquela patenteada e apresentada nos circuitos do capitalismo cultural, mas diz respeito a uma criatividade que atravessa povos e gerações oprimidos, guetos e minorias. E mais, Guattari considera que as máquinas estéticas necessárias a uma ecologia do virtual não se encontram no mercado habitual da arte, mas habitam tudo que concerne à criação e ao desejo de devir outro.

O autor nomeia essas máquinas de Agenciamentos de desejo estético que constituem focos de diferenciação no centro de um domínio ou entre domínios diferentes, devires que reconhecemos por contaminação afetiva ao ultrapassarmos um certo limiar de consistência:

“Antes da influência desse bloco de sensação, desse foco de subjetividade parcial, era a cinzenta monotonia; depois, não sou mais eu mesmo como antes, fui arrebatado em um devir outro, levado para além de meus territórios existências familiares.” (Guattari, 1992: 118)

Isso ocorre porque os objeto de arte e de desejo são apreendidos em territórios existenciais como corpo próprio, eu, espaço vivido, ritornelos, rostos familiares, narrativa étnica. Aqui a carne da sensação e a matéria do sublime estão misturadas. O desafio é o de produzir uma composição que não deveria ser denominada de obra pois pode ser também ausência de obra encarnada; composição que, inscrevendo um mergulho no mundo sensível numa matéria finita e mantendo, ao mesmo tempo uma autopoiese dos afetos estéticos. Na arte, a finitude do material sensível torna-se suporte de uma produção de afetos e perceptos que tendem a escapar dos quadros e coordenadas pré-codificadas.

Como já dizia em um texto publicado em 1977 em *La Révolution Moléculaire*, “a verdadeira obra de arte é o corpo infinito do homem que se move através das incríveis mutações da existência particular” (Guattari, 1981: 58)

O paradigma estético, tal como o propõe Guattari e no qual passam a ser pensadas as atividades humanas, implica uma concepção ampliada de maquinismo. Das máquinas técnicas, às máquinas sociais e às máquinas desejanças, a máquina implica uma relação de finitude, de destruição e de morte que a associa a fluxos criadores. Os universos de referência para essa constante produção não tem fixidez, eles se cristalizam em constelações singularizantes e em cruzamentos inesperados, o que confere à história humana seu caráter de irreversibilidade e criacionismo.

Este paradigma tem implicações ético-políticas
porque quem fala em criação, fala em responsabilidade da instância criadora em relação à coisa criada, em inflexão de estado de coisas, em bifurcação para além de esquemas pré-estabelecidos e em consideração do destino da alteridade em suas modalidades extremas.(Guattari, 1992: 137)

Assim, as máquinas estéticas, que são também máquinas de guerra moleculares, podem gerar outros modos de sentir o mundo, uma nova face das coisas e um rumo diferente para os acontecimentos.

4. CONCLUSÃO: Experimentalizar novas maneiras de viver e novas formas de luta

Ao realizar a leitura sistemática e em profundidade dos textos de Félix Guattari elegidos para a pesquisa, (Gil 2002: 79), vemos a “atividade humana”, como termo primitivo que não é definido, mas funciona e faz funcionar pensamento e ação. E funciona em cada contexto e em cada agenciamento de acordo com os outros conceitos com os quais se articula e com os universos que busca delinear. Desta forma, fomos cartografando as variações em torno do uso do termo e percebendo que, a cada momento tratava-se de uma busca de como dizer, como exprimir, o que nos permitiu acompanhar uma complexificação crescente da idéia de atividade humana neste autor.

Ficamos assim inseridos numa batalha de sentidos na qual não se constrói uma essencialidade da atividade humana. Pelo contrário, vamos acompanhando a colocação em cena de agenciamentos que arrastam o sentido do termo. Guattari faz o termo se agitar, conectando-o a cada momento a um campo da vida e da produção.

Pensada, inicialmente, no contexto da Psicoterapia Institucional, que tem suas origens associadas à “terapêutica ativa”, as atividades e os dispositivos que a fazem funcionar são instrumentos de desalienação, estratégias para fazer solapar os fundamentos da psiquiatria, o que permitiria o estabelecimento de novas relações entre doentes e curadores, médicos e enfermeiros, profissionais e famílias. Já então as atividades e fazeres humanos não são tomados em seu caráter terapêutico, mas em seu caráter antropológico de prática cultural.

É neste sentido que elas passam a ser objeto de exercícios de análise institucional, visando desnaturalizar as atividades e seus usos e compreender suas relações com a instituição que as promove e produz. Neste sentido Guattari afirma que as atividades e outras iniciativas institucionais não alteram o fato de que os loucos estão fora das relações contratuais com a família, o trabalho, a sociedade. Elas não re-estabelecem contratualidade e trocas reais se o que ali se faz não é realmente sério. Somente quando as atividades são realizadas “com seriedade” - levando ao estabelecimento de trocas reais e ligados a uma atividade concreta - e são permanentemente colocadas em análise é que podem ser ferramentas para a recomposição subjetiva, produzir efeitos de sentido e intervir de modo decisivo num processo de cura.

A principal contribuição da análise institucional consiste em reconhecer que o lugar de existência modifica radicalmente tudo que venha a existir em seu âmbito. Assim também é com as atividades.

Desta forma, o salto no tratamento dado á atividades humanas, que vemos se configurar no final da década de 60 e início da década de 70, a partir do encontro com Deleuze, quando também se faz mais forte a presença do pensamento marxista, parece se configurar numa ampliação e intensificação do procedimento da análise institucional, já que vemos a partir daí, e mais claramente nos textos dos anos 80, as atividades serem pensadas no contexto de um Capitalismo Mundial Integrado. É novamente a afirmação de que “o lugar de existência modifica radicalmente tudo que venha a existir”.

Vimos que no final da década de 60 e em torno dos acontecimentos de maio de 68 encontramos em vários textos as atividades humanas pensadas

para além do contexto da psicoterapia institucional e da experiência de La Borde. O militante político atravessa o pensamento do psicanalista de forma mais contundente. Agora “tudo é produção” (Deleuze & Guattari, 1995). No primeiro livro escrito com Deleuze, *O anti-édipo*, a produção é tratada como um conceito nunca definido, mas que está por toda parte, se apresentando de forma diferente em cada ponto da realidade social. As atividades ganham sentido no social do qual emergem e passam a ser trabalhadas como produção de uma subjetividade pensada de forma indissociável da esfera social. Subjetividade, não é entendida aqui como essencial e imutável, mas depende de instâncias individuais, coletivas e institucionais que a produzem. Para além da subjetividade individuada convém pesquisar os processos de subjetivação que produzem modos de viver, de se relacionar com o corpo, com o mundo, consigo mesmo, de produzir e de expressar. Neste contexto as atividades humanas são elementos que concorrem para a produção das subjetividades.

Nos últimos textos de Guattari, encontramos as atividades humanas pensadas nos dois contextos em que foram trabalhadas por este autor: o contexto da clínica – e aqui encontramos de forma clara as atividades funcionando numa concepção esquizoanalítica de clínica; o contexto do CMI, suas relações com o ambiente natural, social e subjetivo, no qual é pensado o impacto da atividade humana sobre situação ambiental do planeta.

Por trás destes dois contextos encontramos o questionamento dos modos dominantes de valorização das atividades humanas, pautados no mercado mundial que faz equivaler bens materiais, afetivos, culturais e áreas naturais. Está em jogo, portanto, a instauração de uma nova configuração das

relações entre o capital e a atividade humana e os modos de produção de subjetividades que dizem respeito a sistemas de valor situados na raiz de novos agenciamentos produtivos. Como inventar outras formas de valorização das atividades (sociais, estéticas, desejantes) e fazê-las funcionar?

Construir sua própria vida, construir algo de vivo, não somente com os próximos, com as crianças – numa escola ou não - com amigos, com militantes, mas também consigo mesmo, para modificar sua própria relação com o corpo, com a percepção das coisas: isso seria, como diriam alguns, desviar-se das causas revolucionárias mais fundamentais e mais urgentes? Toda questão está em saber de que revolução se trata. (Guattari, 1981: 67)

Guattari anuncia novas formas de luta no respeito dos ritmos próprios, das sensibilidades específicas que as pessoas manifestam, da heterogeneidade insuperável dos conjuntos sociais que se constituem através delas. Mas alerta que muito tempo ainda será necessário para que cheguemos a aperfeiçoar máquinas de guerra, de escrita, de poesia, de teoria, máquinas de vida que possam desenvolver uma nova disponibilidade, uma nova sensibilidade a alianças, a conjunções imprevisíveis, inimagináveis.

Trata-se de afrontar imensos meios materiais coercitivos, mas também microscópicos meios de disciplinarização dos pensamentos e dos afetos, de militarização das relações humanas. A questão de fundo dessas novas lutas é também a da esquizoanálise, concebida como uma prática micropolítica em todos os fronts da produção desejante e que só tem sentido em relação a um gigantesco rizoma de revoluções moleculares que prolifera a partir de uma multidão de devires mutantes: como organizar a sociedade de uma outra

maneira, destruindo todas as formas de exploração e de divisão da sociedade em classes, castas, raças, etc.

Entre a atividade humana que aumenta a potência da vida e a atividade humana que ameaça a própria vida no planeta, há um jogo de forças e uma batalha de sentido que só pode ser compreendida na pesquisa pela rede de relações na qual a atividade humana encontra-se engajada. Na perspectiva desenvolvida por Guattari cada uma dessas redes de relações é transversalizada pelo desejo que nunca se deixa capturar totalmente pelas configurações do atual, mas arrasta essas configurações, abrindo-as para seus devires. Com o tratamento que dá ao termo, o autor faz atravessarem-se processos moleculares e relações molares mantendo sempre vivo o jogo entre o intensivo e a extensão.

Em suma, é necessária uma profunda transformação das relações sociais em todos os níveis, uma revolução molecular atravessada por novas micropolíticas, dentre elas a análise do inconsciente que deveria tornar-se assuntos de todos, diversificando seus métodos, enriquecendo-se do contato com todos os campos da criação.

É o campo da ecologia mental, tal como Guattari propôs no texto de 1990, concernida a reinventar a relação do sujeito com o corpo, com o tempo que passa, com os mistérios da vida e da morte e que deverá também inventar antídotos para a uniformização midiática. Para o autor, sua maneira de operar se aproxima daquela do artista e se instaura em interface aos campos estéticos. A essa ecologia mental é preciso associar uma ecologia social – campo de reconstrução das relações humanas que diz respeito à promoção de

investimentos afetivos e pragmáticos nos grupos humanos – e a ecologia ambiental, relativa à recriação permanente do mundo, à invenção de mundos nos quais a vida seja possível.

Parece-me essencial que se organizem novas práticas micropolíticas e microssociais, novas solidariedades, uma nova suavidade juntamente com novas práticas estéticas e novas práticas analíticas das formações do inconsciente. (...) Convém deixar que se desenvolvam as culturas particulares inventando-se, ao mesmo tempo, outros contatos de cidadania. Convém fazer com que a singularidade, a exceção, a raridade funcionem junto com uma ordem estatal o menos pesada possível. (Guattari, 1990: 35)

As transformações sociais podem proceder em grande escala, mas também e simultaneamente se produzir em escala molecular, em uma atividade política, em um processo terapêutico, na criação de dispositivos locais que transformem a vida numa região, de uma escola ou de uma instituição de saúde. (Guattari, 1992: 34)

A ética aqui diz respeito a responsabilização quanto ao tipo de subjetividade que cada um de nós ajuda a engendrar: uma subjetividade padronizada que tira seu valor na cotação do mercado e da comunicação de massa, ou uma subjetividade re-singularizada e criacionista, capaz de engajar-se em um movimento autopo-iético. Para Guattari existe uma escolha ética em favor da riqueza do possível, uma ética e uma política do virtual que desterritorializa o peso dos estados de coisas e das significações que nos assediam. Uma escolha da processualidade, da irreversibilidade e da re-singularização.

Guattari é enfático ao afirmar que uma tal ecologia praticada a partir de uma revolução molecular e cotidiana passa necessariamente por uma reconfiguração das atividades humanas, das formas de atribuir-lhes valor e da maneira como a vamos lidar coletivamente com a disponibilidade crescente da potência de ação e criação humana, que cada vez mais tenderá a ser liberada do trabalho assalariado tradicional. Trata-se de uma mesma questão de re-finalização ético-estética que encontramos em todos os níveis da atividade humana. É preciso re-singularizar as finalidades da atividade humana, nos diz ele, fazê-la reconquistar um certo nomadismo existencial para que possa aceder às verdadeiras errâncias do desejo.

A valorização das atividades humanas não pode mais ser fundada de forma unívoca sobre a quantidade de trabalho incorporado à produção de bens materiais. A produção de subjetividade é chamada a superar a economia de mercado fundada no lucro, no valor de troca, no sistema dos preços, nos conflitos e lutas de interesse. (Ibid.: 164)

As atividades estão inextricavelmente ligadas aos ambientes nos quais são desenvolvidas e reconfiguram, elas mesmas, esses ambientes. Sem uma reorientação dos meios e das finalidades da produção, é o conjunto da biosfera que ficará em perigo, podendo evoluir para um estado de incompatibilidade com a vida. Esta reorientação da produção implica uma inflexão na industrialização, a invenção de outros meios de transportes, o fim dos desflorestamentos, uma política de desarmamento e uma transformação profunda na divisão do trabalho a nível planetário. E, mais importante, é preciso colocar em questão o espírito de competição econômica que sustenta essa forma de vida.

Para Guattari, é premente que a produção de uma nova subjetividade, orientada em um sentido mais criativo, se torne a finalidade primeira das atividades humanas. Subjetividade aqui apreendida de forma transversal, na tentativa de articular-se pontos de singularidade com dimensões existenciais específicas (crianças, deficientes físicos, doentes mentais) e ambientes particulares. Sem uma real transformação subjetiva, das mentalidades e dos hábitos coletivos, só teremos medidas ilusórias relativas ao meio material e ambiente. É preciso mudar a vida e criar um novo estilo de atividade, pautada em novos valores coletivos, que estão ao alcance das mãos e dizem respeito às modalidades de utilização do tempo livre e às novas formas de conceber as relações com a infância, com a condição feminina, com as pessoas idosas, com as relações transculturais.

Assim, para além da criação de sentidos, se coloca a questão da criação de texturas ontológicas heterogêneas, diferentes modos de ser. Produzir uma nova poesia, um novo tipo de amor, uma relação inédita com o social, uma nova arte de viver, através de processos criadores sempre recomeçados e de uma consistência pática¹¹ da subjetividade, ela mesma mutante. E tudo isso, insiste nosso filósofo, não é mais questão apenas de qualidade de vida, mas, sobretudo, do porvir da vida.

Se “um conceito só vale pela vida que lhe é dada” (Guattari, 1992: 201), vimos neste percurso que as atividades ganharam vida e se associaram à vida. Podem assim vir catalisar universos de referência, ajudando a configurar um campo pragmático, como o da Terapia Ocupacional. A atividade de

¹¹ Guattari (1992: 161) utiliza o termo de Viktor VonWeizsaker qualificando de pático um conhecimento ou uma consistência que não procede de uma discursividade concernente a conjunto bem delimitados, mas antes por agregação de territórios existenciais.

modelização teórica aqui realizada tem uma função existencial e estética, de invenção de campos de saber e de ação, e também de formas de vida.

5. DESDOBRAMENTOS

A partir da pesquisa realizada, sentimos necessidade de desdobrá-la em dois núcleos de trabalho e de novas investigações.

O primeiro, relativo à continuidade da pesquisa teórica nos textos de Guattari, seria o de se debruçar sobre o *Anti-Édipo*, primeiro texto escrito em colaboração com Gilles Deleuze. Este texto foi escrito no momento em que no pensamento de Félix Guattari vimos a entrada do pensamento Marxista com mais força fazer ampliar e complexificar as idéias de Guattari sobre atividade humana. Nos dedicando a estudar o *Anti-Édipo*, buscaremos aí a proposição dos conceitos de produção e desejo e sua articulação, para pensar as atividades como instauração do novo opondo-se àquela atividade como repetição e automatismo, procurando também para além da atividade extensiva, a intensidade e as atualizações do virtual às quais as atividades humanas podem dar passagem.

O segundo desdobramento desta pesquisa refere-se a investigar a presença da Filosofia da Diferença na produção teórica dos terapeutas ocupacionais, buscando elucidar em que medida o pensamento destes autores acerca das relações entre atividade humana, subjetividade e clínica dialoga com a Terapia Ocupacional contemporânea. Esta investigação se dará através do estudo de pesquisas empíricas produzidas nos últimos anos por terapeutas ocupacionais, que utilizam a Filosofia da Diferença para pensar as práticas

neste campo e visa explorar a função intercessora que a Filosofia da Diferença tem exercido no campo da Terapia Ocupacional, como interferência ou atravessamento que pode vir a desestabilizar um certo domínio, abrindo-o para novas configurações. (Passos e Barros, 2000).

6. BIBLIOGRAFIA

- AMARANTE, P. A (clínica) e a Reforma Psiquiátrica. In: AMARANTE, P. (org.). **Archivos de Saúde Mental e Atenção Psicossocial**. Riode Janeiro: Nau Editora, 2003. P. 45-65.
- ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 2003. 352p.
- ARRUDA, E. **Terapêutica Ocupacional Psiquiátrica**. Rio de Janeiro, 1962.
- BARROS, R. B. & PASSOS, E. O que pode a clínica? A posição de um problema e de um paradoxo. In: Fonseca, T.M. G. & ENGELMAN, S. **Corpo, arte e clínica**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- BIRMAN, J. Os signos e seus excessos: a clínica em Deleuze. In: ALIEZ, E. (org.). **Gilles Deleuze: uma vida filosófica**. São Paulo : Editora 34, 2000. P. 463-478.
- BRUNELLO, M. I. B. Castro, E. D. & Lima, E.M.F.A. Atividades Humanas e Terapia Ocupacional. In: Carlo, M.M.R.P., Bartalotti, C. (Org.). **Terapia Ocupacional no Brasil: fundamentos e perspectivas**. Plexus Editora, São Paulo, 2001. P. 41-62.
- CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. 307p.
- CASTRO, E. D. Atividades Artísticas e Terapia Ocupacional: criação de linguagens e inclusão social. São Paulo, ECA/USP, 2001. Tese de doutorado.
- DEJOURS, Christopher. Por um novo conceito de saúde. **Rev. Brasileira de Saúde Ocupacional**, v.14, n.54, 1986. P. 7-11.
- DELEUZE, G. **Conversações**. Editora 34, São Paulo, 1992. 226 p.
- _____. **Crítica e clínica**. São Paulo, Ed.34, 1997. 171 p.
- _____. **Espinosa: filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002. 134 p.
- _____. Três problemas de grupo (prefácio). In: GUATTARI, F. **Psicanálise e Transversalidade: ensaios de análise institucional**. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2004. P. 7-19.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. **O que é filosofia**. São Paulo: Editora 34, 1992. 279 p.
- _____. **O anti-édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1995. 430 p.
- FOUCAULT, Michel. **História da loucura na idade clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1995. 551p.
- _____. **Nascimento da Clínica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998. 241p.

- _____. O que são as luzes. In: Foucault, M. **Ditos e Escritos II: arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento**. Organizador da Edição brasileira: Motta, M.B. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. P. 335-351.
- _____. **Em defesa da sociedade**. Martins Fontes, São Paulo, 2002. 382p.
- GUATTARI, F. **Revolução molecular: pulsações políticas do desejo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1981. 230 p.
- _____. **As três ecologias**. Campinas, SP: Papyrus, 1990. 56p.
- _____. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34, 1992. 203 p.
- _____. **A Guattari reader**. Genosko, G. (org.).Cambridge: Balckwell Publishers, 1996. 281 p.
- _____. **Psicanálise e Transversalidade: ensaios de análise institucional**. Aparecida, SP: Idéias & Letras, 2004. 366p.
- _____. Modèle de contrainte ou modélisation créative. In: <http://www.revue-chimeres.org/guattari/guattari.html>
- _____. Art et Folie *Chimères*, n°4. In: <http://www.revue-chimeres.org/guattari/guattari.html>
- KÖHLERT, M. **Dall'ergoterapia all'inserimento lavorativo: l'esperienza dell'ex ospedale psichiatrico provinciale di Trieste fino alla fondazione della "Cooperativa Lavoratori Uniti" nell'immagine delle interviste de alcuni protagonisti**. Scuola Superiore di Servizio Sociale, Trieste.Tese,1986.
- LIBERMAN, F. **Danças em Terapia Ocupacional**. São Paulo; Sumus editorial, 1998.117p.
- LIMA. E.M.F.A. **Das obras aos procedimentos: ressonâncias entre os campos da Terapia Ocupacional e das Artes**. 2003. 344 fls. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) São Paulo, PUC/SP, 2003.
- _____. Desejando a diferença: reflexões sobre as relações entre os terapeutas ocupacionais e as populações tradicionalmente atendidas por estes profissionais. **Revista de Terapia Ocupacional da USP**, 2003, vol. 14, no. 1. P. 64-71.
- PASSOS, E.; BARROS, R.B. A construção do plano da clínica e ocoenetio de transdisciplinaridade. **Psicologia: teoria e pesquisa**, v. 16, n. 1, p. 71-79, jan./abr 2000.
- PELBART, Peter Pál. **Vida Capital**. São Paulo: Ed. Iluminuras, 2003. 252p.
- SAFRA, G. Psicanálise do self e sofrimento humano. In: VAISBERG, T. A.; AMBROSIO, F. F. (Org.). **Trajetos do Sofrimento: Desenraizamento e Exclusão**. Instituto de Psicologia da USP, 2002.
- SILVEIRA, N. **Terapêutica Ocupacional: teoria e prática**. Casa das Palmeiras, Rio de Janeiro, s/d.
- _____. **O mundo das imagens**. Ed. Ática, São Paulo, 1992.
- VIEIRA, M. C. A. **O desafio da grande saúde em Nietzsche**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000. 88 p.
- WINNICOTT, D.W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975. 205p.

II. SEMINÁRIO: AGENCIAMENTO COLETIVO DE CLÍNICA¹²

Elizabeth Araújo Lima &

Luis Eduardo Aragon¹³

1. INTRODUÇÃO

Encarnar os conceitos, fazer corpo com eles, revesti-los de qualidades estéticas, sensíveis e afetivas. Mas como fazê-lo? Como reativar no conceito sua potência de invenção, de transmutação, de transpassagem¹⁴?

Nossa aposta foi na hibridização do universo conceitual da filosofia da diferença com as práticas, as mais diversas dos estudantes do Núcleo de Estudos da Subjetividade do Programa de Psicologia Clínica da PUC-SP.

Para Michel Authier e Pierre Lévy (2000) as formas híbridas têm grande capacidade de sobreviver ou resistir aos movimentos cristalizantes das formas instituídas. As hibridações podem trazer a potência de manter nossos corpos vibráteis¹⁵ e nosso pensamento vivo.

¹² O Agenciamento Coletivo de Clínica constituiu-se em seminário proposto aos alunos do Núcleo de Estudos da Subjetividade do Programa de Estudos Pós-graduados em Psicologia Clínica da PUC-SP, como parte das atividades do Pós-doutorado de Elizabeth Araújo Lima e Luis Eduardo Aragon na PUC-SP.

¹³ O Relatório do Agenciamento Coletivo de Clínica foi elaborado conjuntamente pelos propositores e coordenadores desta atividade.

¹⁴ Transpassagem remete à um “entre pulsante de linhas”, como apresentado por Orlandi (2005, p. 3): “Seja pequeno ou grande, universo ou grão de areia, texto ou gesto, fala ou silêncio..., todo e qualquer caso implica um meio pulsante de linhas que prendem ou liberam transpassagens.”. Considerar este entre implica em uma metodologia experimental, clínica e de pensamento que pode ser assim descrita: “Trata-se de um pensar desconfiado, desconfiado das coisas e dos ardis dele próprio: um pensar forçado a desconfiar do seu distanciamento sobranceiro em relação àquilo que sua prepotência neutralizava como impurezas ou restos, como estorvos ou entulhos dispensáveis ao bom deslocamento do fio condutor do exclusivismo de sua atenção; um pensar que não se livra da reflexão, é claro, mas que dela se avizinha para lhe transmitir sua espontânea ou forçada disponibilidade ao que pode haver de surpreendente ou contundente no bulfício dos plexos, nas multilinhas que se intrometem como alternadores de intensidade, que atravessam o ligar e o desligar, que excitam bifurcações nos vincos das dobras, que vergam, encres-pam, enlaçam ou torcem as fluências e cortes de um andamento almejado.” (Orlandi, op. cit., p. 4-5)

¹⁵ Corpo vibrátil é expressão cunhada por Rolnik (1995), designando “um corpo aberto à sensação que emerge do encontro – ao mesmo tempo coletivo e singular – para além do sensorial”.

Estivemos implicados na construção de um coletivo. Coletivo que ganhasse consistência, a partir do encontro e desencontro entre os vários percursos expressivos envolvidos na experiência clínica de cada participante. Coletivo entendido não como o *socius*, nem como um conjunto de pessoas ou indivíduos, não sendo tampouco uma realidade interindividual, mas “multiplicidade singular pré-individual, em devir. A unidade, o mais essencial ou originário, já é uma multidão, uma rede” (Aragon, 2005, 67).

No decorrer do projeto houve uma produção teórica e textual forte e representativa do processo de produção coletivo. Os textos presentes no anexo foram, em sua grande maioria, produzidos para o Agenciamento e a partir das questões levantadas ali.

2. PROPOSTA:

O objetivo do trabalho que estamos propondo é o de constituir um topos, um espaço/tempo, uma dobradura, que transgrida os grilhões da geometria da sala, da PUC, do Núcleo, da consciência, da inconsciência, das individualidades, mas implicando-as todas, para que possamos forjar coletivamente uma estratégia para a experimentação das sensações, no sentido de buscar um encontro com as intensidades, a zona de indiscernimento atual/virtual, aquilo que transcende o empiricamente vivido, sem ser algo divino ou inalcançável.

Estes encontros visam à disparação de um agenciamento¹⁶ no qual o nosso corte no caos¹⁷ seja este complexo fugidio chamado *clínica*. Dizemos fugidio, pois não nos ocorre a possibilidade de sermos fiéis ao pensamento dos “filósofos da diferença” como Deleuze, Guattari e Foucault, definindo um conceito determinado de clínica, sem que este engendrasse o seu próprio inacabamento e estivesse indissociavelmente ligado a uma crítica permanente.

Nossa idéia é que a partir da trajetória singular inscrita por nossas questões e indagações organizadas em torno a um pós-doutorado – e que compreendem pensar os aspectos analíticos e os construtivos da clínica -, possamos produzir um espaço coletivo no qual ressonâncias entre nossas questões e as de cada um dos participantes, criem uma música, uma rede conceitual, que de alguma forma possa dizer respeito a todos. A imagem de pensamento é esta: a expressão de situações clínicas, da forma mais singular, é o que teria a maior potência de ressoar as singularidades do coletivo (pensado como plano de singularidades em processo).

Queremos instaurar um espaço marcado por uma atitude clínico-política de abertura, para que possamos, todos, afetar e sermos afetados pelo que se produz a cada encontro e pela delicadeza de comportar os vários planos de sentido que sustentam os acontecimentos, sem querer esgotá-los. Uma abertura que possa engendrar expressões de situações clínicas singulares, apresentações teóricas de saberes encarnados, experimentações as mais variadas. A partir de cada pergunta uma série de questões pode vir a revelar-

¹⁶ Agenciamento como o que ocorre “cada vez que se pode identificar e descrever a associação de um conjunto de relações materiais e de um regime de signos correspondente” (Zourabichvili, 2003, p. 7).

¹⁷ Caos como referência ao termo “caosmos” inventado por James Joyce e tomado por Deleuze para significar “a identidade interna do mundo e do caos.”. Mundo como sendo constituído por séries divergentes. (Sasso & Villani, 2003, p. 348-9).

se, levando-nos, quem sabe, a sustentar a produção de um pensamento coletivo.

Abrir espaço para o compartilhamento, a pesquisa, o pensamento sobre experimentações em curso nas práticas clínicas e iniciativas inovadoras teóricas, nos âmbitos privado e público, individual e coletivo, já que grande parte dos participantes do Núcleo estão envolvidos na invenção de dispositivos clínicos que extrapolam o consultório ou o funcionamento clássico das instituições.

Neste contexto o cruzamento de práticas estéticas e práticas clínicas poderá também contribuir para a invenção permanente do conceito de clínica, entendendo a clínica como um empreendimento de saúde. Uma clínica que não está voltada para a remissão dos sintomas, mas para a promoção de processos de vida e de criação, e poderá, assim, comportar uma saúde frágil, marcada por um inacabamento essencial.

Convidamos a todos que sintam afinidade ou interesse pela proposta a vir nos encontrar para que construamos, juntos, esse espaço/tempo. Mas como produzir clínica nos equilibrando na metaestabilidade do “fio de metamorfose”? A idéia inicial é assegurar um espaço, “através” do núcleo para a construção de “um” agenciamento coletivo de clínica. Um agenciamento coletivo que possa pensar uma clínica, pequena, mínima, molecular, menor. Uma clínica singular, de cada um (levando-se em conta que “cada um já são muitos”), e talvez por isso mesmo, um pouco de todos. Estamos firmemente convencidos, que é na singularidade do sentido que criamos no encontro, que surgem as linhas de ressonância, a possibilidade de afetação, alegria e transmutação.

3. DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO

OS ENCONTROS DO 1º. SEMESTRE

29/03 - Apresentação da proposta e planejamento coletivo

Neste primeiro encontro houve a apresentação da proposta, seguindo as idéias discriminadas acima. Começamos lendo uma composição de fragmentos dos textos que consistem nos anexos 1, 2 e 3. O desdobrar das intervenções conduziu naturalmente à problematização deste novo projeto no âmbito do Núcleo. O momento de seu surgimento, seu significado, suas propostas de encaminhamento. Os percursos de cada participante começaram a aparecer, mas sem uma função de identificação ou categorização. Apareceram, dando consistência à emergência do próprio ACC, como ponto de passagem de várias histórias heterogêneas, mas ressoantes. Formou-se um “plano de consistência” que colocava o projeto como inserido no território de demanda dos integrantes do Núcleo. A demanda reforçava a proposta de abrir espaço para a apresentação singular do contato dos “agenciantes”¹⁸ com a clínica, procurando evitar as generalidades, classificações e clichês do pensamento, mas buscando dar conta - mesmo que transversalmente - de alguma temática teórica (a qual veio à reboque da proposta expressiva, e não o contrário). Este “plano de consistência” forjado das aproximações e distâncias das experiências singulares vividas neste primeiro encontro se tornou analisador do próprio projeto, e foi retomado no final.

¹⁸ Termo cunhado por Elizabeth Araújo Lima como forma de denominar os participantes do ACC.

Então, neste primeiro encontro construímos uma proposta de trabalho para o semestre que previa a abertura de espaços para expressão de situações clínicas singulares, experimentações e proposições dos participantes, bem como discussões teóricas acerca de algumas temáticas, organizadas da seguinte forma:

19/04: Simondon e as ressonâncias internas

31/05: Sonhos e inconsciente.

14/06: Corpo e clínica.

28/06: Instituição fronteira: que clínica?

Textos trabalhados: • *Flutuações em torno da Clínica enquanto Imagem de pensamento e de Experimentação.*

Luis Eduardo Aragon (Anexo 1).

• *Desenhando linhas para o trabalho.*

Elizabeth Araújo Lima (Anexo 2).

• *Programa. Bricolagem de texto de Félix Guattari*

Elizabeth Araújo Lima (Anexo 3).

19/04 - Simondon e as Ressonâncias Internas

Neste encontro conversamos sobre Simondon visando trabalhar a noção de "ressonância interna". Esta noção estava implicada na elaboração da proposta inicial de trabalho e percorreu todo o processo, como um plano conceitual de ligação entre os encontros. Luis Aragon e Maria Cecília Galletti apresentaram uma produção escrita marcada por atravessamentos recíprocos. A mobilização das sensações dos agenciados presentes, na interação com os textos, estendeu um "efeito de ressonância" para o coletivo. Foi possível pensar teoricamente e produzir sentido singular concomitantemente,

elaborando a ressonância entre paciente e terapeuta, passando pela escrita, tocando o leitor e se espraiando até o encontro daquele momento. Todas estas experiências se deram em momentos diversos, com pessoas muito diferentes, o que forjou uma apreensão da ressonância - ali entre nós - enquanto forma primitiva de relação entre realidades de ordens diferentes, choque e disparação de processos de individuação. Assim, a partir de Simondon e sua "ressonância interna", estendemos e avançamos na constituição de um agenciamento coletivo. Agenciar: compor-se, arranjar, por em contato, atravessar, cuidar.....

Textos trabalhados:

- *Simondon produtor de ressonâncias*
Luis Eduardo Aragon (Anexo 4)
- *Criança: Ensaio sobre a subjetivação.*
Luis Eduardo Aragon (Anexo 5)
- *Esquecimento*
Maria Cecília Galetti (Anexo 6)

31/05 - Sonhos e Inconsciente.

Este encontro foi conduzido por Abrahão dos Santos Oliveira (doutor em Psicologia Clínica pela PUC - SP) e Henrique Marcusso (mestrando do Núcleo de Subjetividades Contemporâneas da PUC - SP). Foi feita a proposta de que os participantes, que se sentissem à vontade, contassem algum sonho. À partir das narrativas iniciava-se um processo de detalhamento e investigação a cerca dos sonhos, sua estética e seus desdobramentos, evitando a abordagem interpretativa. Considerando o sonho como motor de constituição de uma subjetividade coletiva, ele era tomado em si, tal como narrado, e não sendo remetido a um possível sub-texto, ou a qualquer chave simbólica que "traduzisse" seu conteúdo.

Após várias narrativas e intervenções elaborou-se uma representação cênica de fragmentos de vários sonhos, o que produziu uma colagem ou tecedura, uma interpenetração de sonhos, forjando uma experiência coletiva que era constantemente remetida a cada um dos participantes, mas avançava, ao mesmo tempo para além destes.

Ao final, nos reunimos para pensar as implicações do que havia ocorrido e da forma de trabalhar os sonhos desta forma. Pudemos conceber - nesta experiência - a constituição de um plano coletivo de subjetivação a partir de um uso singular da narrativa de sonhos.

Texto trabalhado: *Gestão Coletiva dos Sonhos - o sonho como produção perspectivante da vida (Anexo 7)*
Abrahão de Oliveira Santos

14/06 – Encontros entre olhares e outros climas.

Neste encontro acompanhamos as proposições de experimentações corporais de Flávia Liberman (doutoranda do Núcleo) com a colaboração de Elizabeth Araújo Lima. A intenção foi trazer para o espaço/tempo coletivo as singularidades que cada um constrói na experiência corporal, buscando, nos encontros e desencontros, a potência de abertura para o novo e a contaminação de uns pelos outros. Em seguida realizamos uma discussão sobre corpo e clínica: como temos pensado e trabalhado uma clínica que coloca o corpo como “digno de atenção”, tal como nos tem proposto o professor Luis Orlandi.

Texto trabalhado: *Olhar o Corpo: pensando uma clínica e uma estética Formativas (Anexo 8)*
Elizabeth Araújo Lima

28/06 - Instituição-fronteira

Neste encontro, cujo tema foi “instituição-fronteira”, a Maria Cecília Galletti (doutoranda do Núcleo) apresentou um filme de uma instituição de saúde mental da cidade de São Paulo. A partir daí pudemos conversar sobre como se pode operar com a idéia de uma “instituição-estratégia” em contraposição à idéia de uma “instituição-serviço” e sobre a clínica que temos desenvolvidos em diferentes serviços, instituições, propostas, grupos.

Também neste encontro fizemos uma avaliação do processo do Agenciamento Coletivo, o espaço de experimentação que instauramos nesses encontros e as ressonâncias que fomos descobrindo em nossos percursos, para pensarmos em como dar continuidade a esta produção nos trabalhos do semestre que seguinte. A principal indicação foi a de intercalar encontros vivenciais e experimentais com encontros mais voltados para a produção teórica e conceitual a ser realizada a partir das experimentações.

Filme trabalhado: Instituição-fronteira: o Centro de Convivência e Cooperativa do Parque Previdência

OS ENCONTROS DO 2º. SEMESTRE

Os encontros do segundo semestre ocorreram quinzenalmente e foram promovidos no enquadre institucional enquanto Atividade Programada Agenciamento Coletivo de Clínica. Esta atividade foi conduzida por Elizabeth Araújo Lima e Luis Eduardo Aragon, e coordenada por Suely B. Rolnik. Segue em anexo a ementa da Atividade (Anexo 9).

A proposta de encontros quinzenais visava comportar a dupla vocação da proposta do Agenciamento Coletivo de Clínica: a abertura para experimentações práticas e o tempo do trabalho conceitual.

16/08 - Lázaro e Simondon

Este encontro retomou a obra de Gilbert Simondon, com ênfase no conceito de ressonância interna, conforme demanda do próprio grupo no final do primeiro semestre. Mantendo a perspectiva de buscar na expressão mais singular do encontro com a clínica a ressonância, ou a mobilização de “potência clínica” dos agenciantes, foi apresentado por Luis Eduardo Aragon o texto “Lázaro” (Anexo 9). Trata-se de uma escrita poética acerca de um caso trabalhado em supervisão à um grupo multiprofissional, realizada pelo autor. Logo em seguida, munidos dos blocos de sensações produzidos pelo encontro com o texto, foi apresentado um texto mais teórico, girando em torno de conceitos da obra de Simondon, produzido por Luis Eduardo Aragon e intitulado “Percorrendo Idiossincrasias do Pensamento do Luis no Caminho de Simondon” (Anexo 10). Após as leituras, experimentamos o entrelaçamento dos conceitos abordados com a experiência clínica e poética, produzindo um outro estatuto de sentido tanto para a teoria quanto para a clínica.

Textos trabalhados: *Lázaro* (Anexo 10)

Luis Eduardo Aragon

Percorrendo Idiossincrasias do Pensamento do Luis no caminho de Simondon. (Anexo 11)

Luis Eduardo Aragon

30/08 - Exposição IN PACTO

Este encontro se realizou no Centro de preservação Cultural Casa da Dona Yayá e foi coordenado por Elizabeth Araújo Lima. Os agenciamentos percorreram uma exposição de obras realizadas por “pessoas ou grupos singulares que revelam situações limites experimentadas no enfrentamento de estados clínicos ou de total desvantagem social, mas revelam, também, o fio encontrado que permitiu articular essas situações limites a processos de criação”. (Castro, 2001). São pessoas atendidas pelo PACTO - Programa Permanente Composições Artísticas e Terapia Ocupacional¹⁹ - um projeto de extensão de serviços à comunidade. Este Programa se propõe a acompanhar grupos no desenvolvimento de projetos em artes-plásticas (pintura, desenho, modelagem, fotografia) e experimentações corporais (dança, expressão corporal, relaxamento), incluindo em sua proposta o fazer artístico, a atualização cultural e a divulgação das produções realizadas.

Após a experiência estética, envolvida no percorrer das obras dos artistas, nos reunimos para a leitura do texto de Elizabeth Araújo Lima “Existências dissidentes: atividades / criação / arte e Terapia Ocupacional: Uma Questão que Retorna” (Anexo 12). Pudemos trabalhar várias questões envolvidas na interface (clínica/atividade/estética) **da arte, da clínica, das atividades humanas, da resistência e da produção de subjetividade que nesses cruzamentos se dá.**

¹⁹O PACTO é um dos dispositivos criado a partir do O *Laboratório de Estudo e Pesquisa “Arte e Corpo em Terapia Ocupacional”*. Este é um grupo de pesquisa do CNPq, criado em 1996 junto ao Centro de Docência e Pesquisa em Terapia Ocupacional da USP. Congrega docentes, técnicos e alunos do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional da USP e do Curso de Especialização “Práxis Artística e Terapêutica: interfaces da arte e da saúde”.

Texto Trabalhado: *Existências dissidentes: atividades / criação / arte e Terapia Ocupacional: Uma Questão que Retorna*” (Anexo 12).

Elizabeth Araújo Lima.

13/09 - Jardelina

Neste encontro foi apresentado o video-documentário “Roupa-território de existência: Jardelina da Silva e sua assinatura do mundo”, produzido entre outros por Cristiane Mesquita (doutoranda do Núcleo). Na sinopse do filme apresentada por Cristiane temos: “Jardelina da Silva, 76 anos, costura enredos reais e imaginários que "fecham o mundo inteiro". Transforma sua biografia e a história do mundo em roupas e grita nas ruas o "jornal do planeta". A cada trabalho, registra sua própria imagem no Foto Pan, em Bela Vista do Paraíso. Para Jardelina, *só vale o que ela pode assinar* e é "a voz de Jardelina que dirige esse documentário."

O filme apresenta a vida de Jardelina da Silva. Jardelina, viúva, ex-costureira, analfabeta e mora em Bela Vista do Paraíso, no interior do Paraná. Com uma história que inclui várias internações em hospitais psiquiátricos, atualmente vive em sua casa e sem uso regular de medicação. Há mais de dez anos, costura trajes especiais para seu próprio uso, os quais, segundo ela, contam sua própria história e algumas passagens da história do mundo.

Este filme produziu um forte impacto nos presentes, abrindo para intervenções as mais variadas acerca do sistema psiquiátrico, do lugar do “louco” na sociedade contemporânea, da condição de estática e expressiva envolvida no que poderia se chamar uma “potência clínica”, entre outros.

Propusemos continuar a elaboração deste vídeo no encontro seguinte, convidando os participantes a trazerem suas produções teóricas, questões, dúvidas, trechos de textos, acreditando que o material até então trabalhado no agenciamento tem a potência de convocar diversos cruzamentos com as linhas de pesquisa de cada participante ou, nas palavras do Prof. Luiz Orlandi, em e-mail para os agenciantes, poderia "provocar ressonância entre linhas intensamente ocupadas por nossos respectivos elãs criativos",

Texto trabalhado: *O corpo de Jardelina da Silva (Anexo 13)*

Cristiane Mesquita

Video-documentário trabalhado: *Roupa-território de existência: Jardelina da Silva e sua assinatura no mundo*

Cristiane Mesquita

20/09 - Continuação do trabalho acerca de “Jardelina”.

Dedicamos este dia ao trabalho de tecitura reflexiva e conceitual mobilizado pelo filme apresentado no último agenciamento, “Roupa-território de existência: Jardelina da Silva e sua assinatura do mundo”, o texto clínico “Lázaro” e a visita à exposição IN-PACTO.

Começamos a conversar sobre a formação dos conceitos (a partir dos encontros, ou seja,) enquanto resultado de um plano de sentido singular que se dá a partir das afetações e atravessamentos constitutivos dos encontros, razão pela qual questionamos a validade de passarmos textos a serem trabalhados previamente pelos agenciantes. Passamos pela noção de acontecimento e por diferenças entre formas de se forjar conceitos. Resolveu-se ler a carta que Luis Eduardo Aragon escreveu para Cristiane Mesquita à propósito do vídeo

apresentado no último encontro. Nesta carta (Anexo 13) estavam contempladas algumas idéias e referências sobre os conceitos de acontecimento e ritornello, seguindo a obra de Deleuze e Guattari, e de Cesura, acompanhando o trabalho do psicanalista Wilfred R. Bion. Vivemos a sensação de que um plano conceitual compartilhado já se formava coletivamente mesmo sem estar dado, ao nos darmos conta de que muitos elementos discutidos no início deste encontro, já estavam presentes na carta que, obviamente, havia sido escrita antes. Os conceitos tornaram-se vivos, por assim dizer, encarnados de maneira singular por cada um, através da mobilização do que, nele, escapa. Escapa para além da palavra e mesmo para além das inúmeras conexões às quais é referido. Tivemos a impressão de tocar naquela pulsação das multidões de linhas que se entrecruzam no entre²⁰.

As questões giram em torno de conceitos que forma remetendo uns aos outros e criando nosso plano de consistência conceitual coletivo. Foram eles: ritornello; território ; corpo ; resistência ; devir ; linha de fuga ; experiência estética ; existências dissidentes e funcionamento esquizo.

Texto trabalhado: *Carta à Cris-Jarda*. (Anexo 14)

Luis Eduardo Aragon

18/10 - Conceito se fazendo nos encontros

Nesta reunião nos propusemos a retomar os trabalhos conceituais da anterior. Isto se fez através da leitura de um texto compósito. Elizabeth A. Lima fez intervenções na carta lida parcialmente no encontro anterior, introduzindo

²⁰ Referência ao conceito de transpassagens, citado na introdução.

pensamentos, apontamentos, referências teóricas outras (Anexo 15). Ela optou por iluminar suas intervenções com a cor azul, o que foi reforçando a idéia de uma obra textual artística e híbrida, tensa e viva. A própria idéia de um coletivo impessoal, criando território através da ação expressiva, ganhava materialidade na apresentação do texto em si. Mas também a composição (no sentido musical) territorial afeta os “meios vibratórios”, como aponta Elizabeth, fazendo um recorte da dissertação de um agenciante (Giuliano Obichi): “o território afeta os *meios*, atravessa-os, recortando-os, marcando trajetos, singularizando-os, através de uma composição de elementos os mais heterogêneos: traços de memória, diferentes matérias, sensações, sonoridades, gestos, pensamento.”

Este texto continuou sendo objeto de intervenção dos agenciantes, que passaram, também, a interferir no texto, fazendo dele cada vez mais ponto de passagem, território e meio, do Agenciamento Coletivo de Clínica.

Texto trabalhado: *Conceitos se fazendo nos encontros* (Anexo 15).

Elizabeth Araújo Lima/Luis Eduardo Aragon.

01/11 - SAMPER - Cartografias Cidadianas.

Este grupo percorreu (ou foi percorrido pelo) o trabalho da artista plástica Lucimar Bello (parte do projeto para pós-doutoramento no Núcleo). “SAMPER, CARTOGRAFIAS CIDADIANAS - fragmentos e pensamentos sobre fotos-desenhos turvos, imagens oblíquas, curto-circuitos como assunto e não como estruturas, tempo em continuum e em estados de alargamentos, imagens migrantes e errantes, desvios de encontros, dramaturgia da falha, fazer fugir o cotidiano, produções do esquecimento coletivo, criação de espaços de escutas

sociais e culturais, reversibilidades, ressonâncias, o sentido e o que se vê também visto pela coisa...” foi a apresentação, pela artista de seu trabalho.

Os participantes experimentaram “ser vistos” pelo que cotidianamente não vêem. Estar exposto não só às imagens de um prédio em construção, mas se enovelar com perspectivas e métodos variantes, produtores de uma subjetivação que percorre cimento e andaimes, mínimos volumes e monumentos, luminosidades, subjetivações que passeiam por cidades-limite, eterno vai-e-vem virtual/atual. Neste encontro foi apresentado, além das “fotos-desenhos”, um texto (Anexo 16) da artista.

O grupo se dispôs a continuar trabalhando as questões levantadas neste agenciamento, no próximo seguinte.

Texto trabalhado: *Samper - Cartografias Cidadianas* (Anexo 16).

Lucimar Bello.

Obra apresentada: *Samper - Cartografias Cidadianas*.

Lucimar Bello.

29/11 - Continuação do trabalho em torno de SAMPER

Neste agenciamento retomamos as imagens apresentadas no encontro anterior e seguimos por novas elaborações surgidas dos encontros com as fotos-desenhos. A seguir Elizabeth A. Lima iniciou a leitura de um texto que produziu, a partir do que foi mobilizado anteriormente. Trata-se do texto denominado “Acerca das cartografias cidadianas de lucimarbello da Vila Olímpia” (Anexo 17).

A temática das construções e obras e todo tipo e do que produzir a partir das vivências numa "cidade não para, a cidade só cresce, o de cima sobe e o

debaixo desce" atravessaram a todos e nos envolveram com a gênese de conceitos como objeto-cicatriz, obra-cicatriz e envelopar (como tomar posse, produzir território). Nós mesmos éramos expressão - enquanto agenciante - da necessidade de obra, de neogênese de tecido, cicatriz. Nós, ali, habitando algum lugar entre a ferida e a cicatriz.

Texto trabalhado: *Acerca das cartografias cidadianas de Lucimarbello da Vila Olímpia (Anexo 17).*

Elizabeth Araújo Lima

13/12 - Fechamento

Para o trabalho deste dia convidamos todos os que participaram, em algum momento, do Agenciamento Coletivo de Clínica, ou que foram tocados de alguma forma pelo projeto.

Realizamos o fechamento dos trabalhos até ali realizados, abrindo espaço para a expressão de como cada um percorreu este agenciamento, singularizando um coletivo. Quais linhas de fuga emergiram destes encontros, fazendo fugir rotas e itinerários? Que caminhos foram inventados que respondem a uma demanda "nuclear" (ou "do Núcleo") e contemporânea? Quais desdobramentos, em potência, visitam ou aspiram, do futuro, este coletivo?

Tivemos uma impressão de que o ACC foi verdadeiramente um trabalho experimental, colocando em análise muitos fatores. Nos pareceu que o ACC estabeleceu uma nova forma de relação dentro do espaço institucional e uma nova forma de produção conceitual. Questionamos a disparidade entre o número relativamente reduzido de agenciante em relação ao impacto do

projeto nas conversas cotidianas. Não medimos a intensidade ou importância do trabalho realizado pelo número de freqüentadores, o que nos leva a pensar que o estatuto de acontecimento destes encontros encontrou ressonância e disseminação pelas mais diversas vias, entre elas a virtual. Muitos dos que não estiveram presentes, ou só puderam participar de um ou outro encontro acompanhavam a troca de e-mails e faziam intervenções por aí (refletimos acerca de uma “participação virtual”, concreta, mas com outra qualidade).

Todos os presentes - e alguns ausentes com manifestação por e-mail - consideraram a necessidade de continuar a sustentação deste “topos”.

Algumas modificações foram sugeridas, como a de que se apresentassem trabalhos mais inacabados e fragmentários. Nos demos conta de que os espaços de expressão clínica foram ocupados, em sua maior parte, por doutorandos ou por aqueles que já haviam concluído o doutorado. Pensamos em estratégias de inclusão do trabalho dos mestrados, idéia que não fugia à proposta inicial de considerar toda produção (mesmo precária e inacabada), como expressão afirmativa e válida em si (não remetida a um ideal de perfeição ou completude), enquanto forma de dar voz às tensões às quais o pesquisador cartógrafo está submetido.

O coletivo ali presente propôs que o ACC tivesse continuidade no próximo semestre como um espaço a ser cada vez mais ocupado e sustentado por alunos do Núcleo de Estudos da Subjetividade com a participação e colaboração de novos pós-doutorandos.

4. CONCLUSÃO

Concluimos este relatório afirmando que o fato de - além das pesquisas individuais - termos realizado o projeto Agenciamento Coletivo de Clínica em dupla foi fundamental para que o mesmo mobilizasse de forma tão significativa a comunidade implicada no Núcleo de Subjetividades Contemporâneas. Nós já éramos multidão (parodiando Deleuze e Guattari em “Mil Platôs”). A produção textual expressiva, em anexo, é fruto de um intenso trabalho coletivo. Um coletivo que foi ficando progressivamente atmosférico e acompanhava o trabalho de cada um e de todos em espaço/tempo paradoxal.

A clínica ganhou horizontes amplos, estando todo o tempo envolvida com a produção estética. Clínica que se permite emergir do território movediço das incertezas para os territórios expressivos onde habitar, sem erigir monumentos de certeza.

Pensamos que o ACC tem desdobramentos éticos no sentido de instaurar uma processualidade de mobilização, formalização e invenção de saberes sempre remetido a um coletivo impessoal, questionando o lugar da autoria e o modelo informacional de emissor/receptor ou possuidor/despossuído. É necessário, assim, fazer a observação de que apesar de constar neste relatório inúmeras produções remetidas a determinados autores, consideramos que há uma ampla “convivência autoral” em todas as produções. Os textos eram produzidos “em multidão” e dedicados à ela ou em trânsito com ela. Não foi por acaso que a maior parte das apresentações ocorreu em duplas e uma boa parte dos textos tinha a forma de cartas.

Acreditamos também que o ACC tem um estatuto de ação política. Instaura uma maneira rizomática e molecular de agir, através de uma “des-pedagogia” ou de uma “pedagogia des-pré-ocupada”, na qual os próprios participantes estão implicados na produção dos acontecimentos. E é destes últimos que se secreta a novidade do saber (mesmo daquele já dado *a priori*). Assim se instaura uma processualidade no ambiente acadêmico na qual a comunicação é “in-formação”, invenção continuada de si, a partir da disposição à vulnerabilidade aos encontros. Encontros de encontros, quer dizer encontros entre “indivíduos-meio”. E meio que nunca é espacial ou vazio, mas intensivo e povoado de proto-ritmicidades.

Concluimos com a certeza de que este projeto superou nossas expectativas iniciais, ganhando vida própria, o que pode ser inferido pelos textos em anexo e pelos depoimentos daqueles que participaram ou foram tocados pela proposta.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aragon, L. E. P. (2005). *O impensável na clínica*. Tese de doutorado apresentada à PUC-SP.
- Authier, M. e Lévy, P. (2000) *As árvores do conhecimento*. São Paulo: Escuta.
- Lma, E M.F.A. (2003). *Das obras aos procedimentos: ressonâncias entre os campos da Terapia Ocupacional e das Artes*. 2003. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica. São Paulo, PUC/SP,
- Orlandi, L. B. L. (2005). - *Procedimentos expressivos*. Anotações de aula.
- Rolnik, S. B. (1995). *Subjetividade, ética e cultura nas práticas clínicas*. Cadernos de Subjetividade, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 305-314.
- Sasso, R. & Villani, A. (2003). *Le vocabulaire de Gilles Deleuze*. Paris, France: Vrin.
- Zourabichvili, F. (2003). *Le vocabulaire de Deleuze*. Paris, France: Ellipses.